

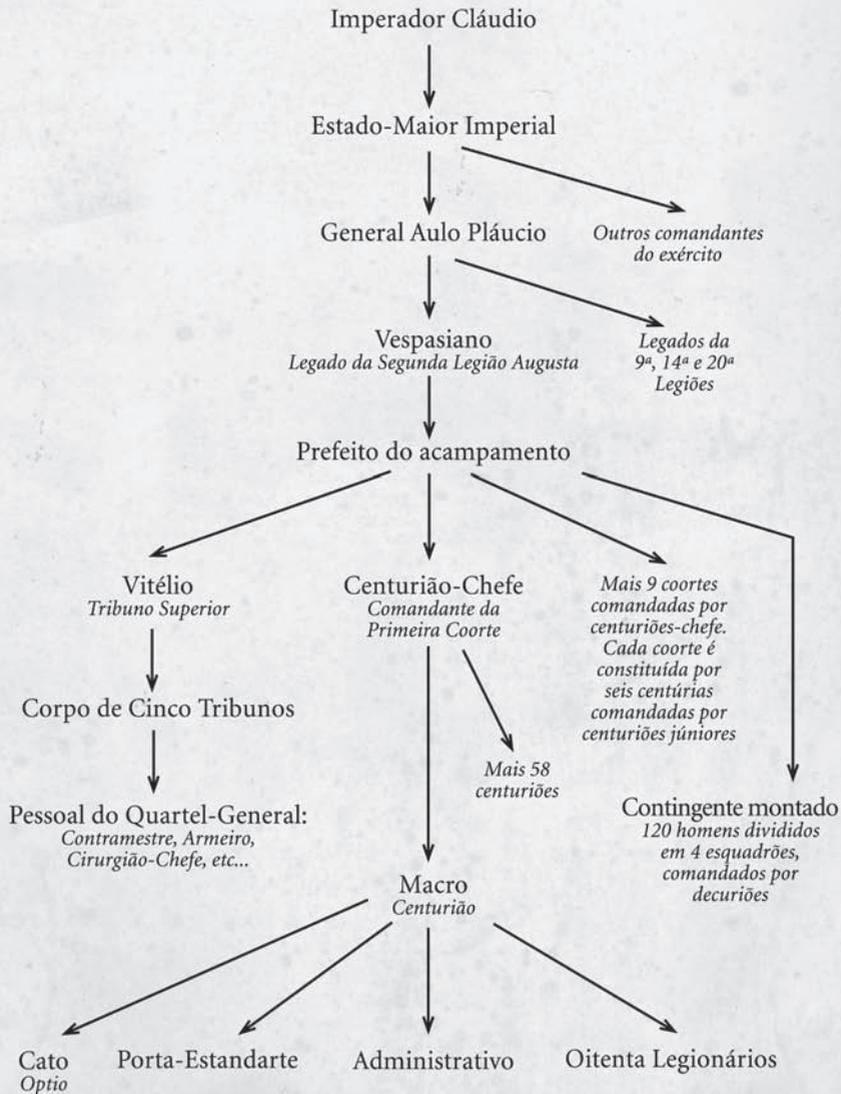
SIMON SCARROW

# AS GARRAS DA ÁGUIA

TRADUÇÃO DE TIAGO ROSA



## A CADEIA DE COMANDO ROMANA EM 43 D.C.





## ORGANIZAÇÃO DE UMA LEGIÃO ROMANA

A Segunda Legião, como todas as legiões romanas, era constituída por cerca de cinco mil e quinhentos homens. A unidade básica era a centúria de oitenta homens comandada por um centurião, auxiliado por um optio, o segundo no comando. A centúria dividia-se em secções de oito homens que compartilhavam uma divisão de casernas, ou uma tenda quando estavam em campanha. Seis centúrias formavam uma coorte e dez coortes uma legião; a primeira coorte era dupla. Cada legião era acompanhada por uma unidade de cavalaria de cento e vinte homens, distribuída por quatro esquadrões, que executavam as funções de batedores ou mensageiros. Em ordem descendente, estas eram as patentes principais:

O *legado*, de ascendência aristocrática, com cerca de trinta anos, dirigia a legião por um máximo de cinco anos. O seu objectivo era o de construir uma boa reputação, a fim de melhorar a sua subsequente carreira política.

O *prefeito do acampamento* era, normalmente, um veterano de idade avançada que tinha sido centurião-chefe da legião e se encontrava no auge da carreira militar. Considerado uma pessoa íntegra e de vasta experiência, era o responsável pelo comando da legião quando o legado se ausentava ou tombava em combate.

Seis *tribunos* serviam como oficiais do estado-maior. Eram homens jovens, nos seus vinte anos, que integravam pela primeira vez o exército, de modo a adquirir experiência no âmbito administrativo, antes de assumirem o cargo de oficial subalterno na administração civil. O tribuno superior, pelo contrário, estava destinado a altos cargos políticos e ao eventual comando de uma legião.

Sessenta *centuriões* encarregavam-se da disciplina e instrução da legião. Eram zelosamente escolhidos pelas suas capacidades de comando e pela sua prontidão em lutarem até à morte. Não é de estranhar, assim,

que o número de baixas entre estes superasse em muito o índice de baixas nos outros postos. O centurião de maior experiência dirigia a primeira centúria da primeira coorte, sendo uma pessoa respeitada e condecorada.

Os quatro *decuriões* da legião tinham sob o seu comando os esquadrões de cavalaria, e aspiravam a ascender a comandantes das unidades auxiliares de cavalaria.

Cada centurião era auxiliado por um *optio*, que desempenhava a função de ordenança, com serviços de comando menores. Os *optios* aspiravam a ocupar uma vaga no posto de centurião.

No escalão inferior ao dos *optios* encontravam-se os *legionários*, homens que se tinham alistado por um período de vinte e cinco anos. Em teoria, só se recrutavam cidadãos romanos, mas cada vez mais eram aceites homens de outros povos, e outorgava-se-lhes a cidadania romana ao juntarem-se às legiões.

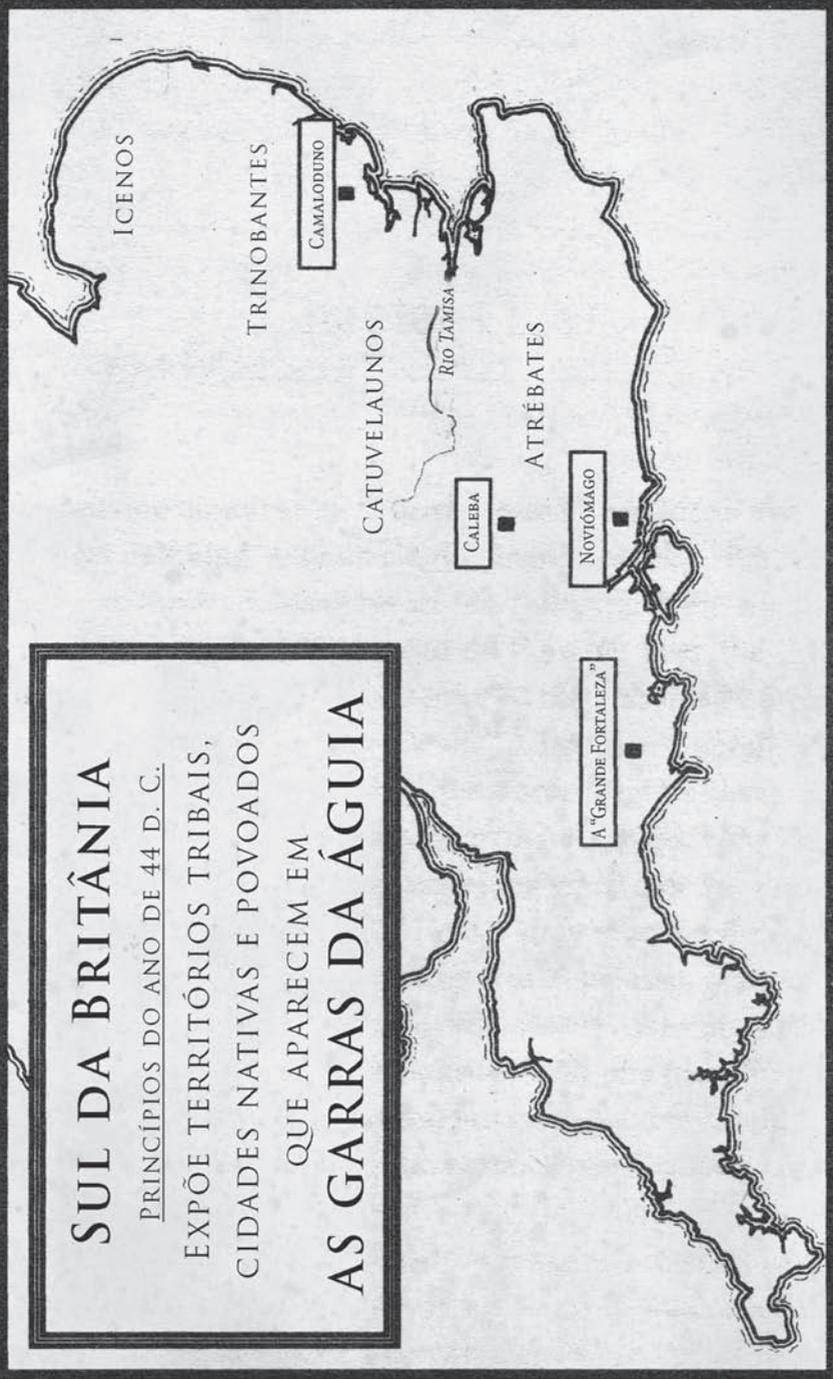
Os elementos das coortes auxiliares eram de uma categoria inferior à dos legionários. Originários das províncias romanas, serviam o Império na cavalaria, infantaria ligeira e noutras técnicas especializadas. Uma vez cumpridos vinte e cinco anos de serviço era-lhes concedida a cidadania romana.

# SUL DA BRITÂNIA

PRINCÍPIOS DO ANO DE 44 D. C.

EXPÕE TERRITÓRIOS TRIBAIS,  
CIDADES NATIVAS E POVOADOS  
QUE APARECEM EM

## AS GARRAS DA ÁGUA







## I

Um relâmpago difuso como que imobilizou, por um instante, o agitado tumulto em redor do navio. Por todo o lado o movimento espumoso do mar pareceu deter-se, enquanto as sombras dos marinheiros e do cordame se destacavam com nitidez no convés brilhantemente iluminado da trirreme. Em seguida, a luz desvaneceu-se e a escuridão abateu-se uma vez mais sobre a embarcação. Nuvens negras voavam a baixa altitude, roçando nas ondas cinzentas vindas de norte. Embora a noite ainda não tivesse caído, aos aterrorizados passageiros e tripulação parecia que a luz do Sol há muito tinha abandonado o mundo. Apenas o mais ténue tise de um cinza leve, lá longe para oeste, indicava a sua passagem. O comboio naval estava irremediavelmente disperso, e o prefeito que comandava a esquadra de trirremes recentemente colocada ao serviço praguejava irado. Com uma mão agarrava firmemente um estai, enquanto a outra era usada para lhe proteger a vista dos jorros de água gelada, à medida que examinava as espumosas cristas das ondas que os cercavam.

Apenas dois navios da sua esquadra permaneciam visíveis, negras silhuetas surgindo à vista quando o navio-almirante era elevado na crista de uma grande vaga. Estavam ambos para leste, já muito afastados, e para lá deles estaria o resto da escolta, dispersa pelo mar bravo. Talvez conseguissem ainda entrar no canal que conduzia a terra, a Rutúpias. Mas para o navio-almirante não havia qualquer esperança de alcançar a grande base de abastecimento que equipava e alimentava o exército romano. Mais para o interior, as legiões estavam confortavelmente instaladas e em segurança nos seus quartéis de Inverno, em Camaloduno, preparando-se para retomar a campanha para a conquista da Britânia. Ali no mar, apesar do enorme esforço dos homens nos remos, a embarcação estava a ser afastada de Rutúpias.

Depois de olhar, através das ondas, para a escura linha da costa britânica, o prefeito reconheceu com amargura que a tempestade tinha

levado a melhor, pelo que ordenou que recolhessem os remos. Enquanto considerava as opções que lhe restavam, a tripulação içou rapidamente na proa uma pequena vela triangular, para ajudar a manter a embarcação estável. Desde que a invasão tinha sido lançada no Verão anterior, o prefeito tinha atravessado muitas vezes esta extensão de mar, mas nunca em tão aterradoras condições. Na verdade, nunca antes vira o tempo mudar tão depressa. Nessa manhã, que agora parecia já tão distante, o céu tinha estado limpo, e uma fresca brisa de sul prometera uma rápida travessia desde Gesoriaco. Normalmente nenhum navio saía para o mar no Inverno, mas o exército do general Pláucio estava a precisar de abastecimentos. A táctica da terra queimada do comandante britânico, Carátaco, significava que as legiões dependiam de um fornecimento regular de cereais provenientes do continente para se aguentarem durante o Inverno sem esgotarem as reservas necessárias para a continuação da campanha na Primavera. Portanto, comboios de navios tinham continuado a atravessar o canal sempre que o tempo o permitia. Nessa manhã, o prefeito tinha sido enganado por uma natureza pérfida e ordenado a partida para Rutúpias das suas carregadas embarcações, nunca imaginando que haveriam de ser apanhados por aquela tempestade.

Precisamente quando a costa da Britânia aparecera à vista por cima da agitada superfície, um aglomerado de nuvens adensara-se a norte, ao longo do horizonte. A brisa num instante se tornou mais forte, mudando abruptamente de direcção, e os homens da esquadra viram, com crescente terror, como as nuvens negras se lançaram sobre eles como ávidas bestas escumantes. A borrasca assaltou a trirreme do prefeito, que liderava o comboio, com terrível brusquidão. O vento gritante apanhou de súbito a embarcação pelo vão, inclinando-a tanto que a tripulação se viu obrigada a abandonar as suas tarefas e a agarrar-se ao que estava mais à mão, para evitar ser lançada borda fora. À medida que a trirreme se endireitava pesadamente, o prefeito deitou uma olhadela aos outros navios do comboio. Alguns dos transportes, de fundo chato, tinham-se voltado, e junto às negras bossas dos seus cascos pequenas figuras subiam e desciam no mar espumante. Algumas acenavam de forma patética, como se acreditassem realmente que as outras embarcações tivessem possibilidade de os ir salvar. Por esta altura o comboio já estava disperso, e cada navio lutava pela sobrevivência, ignorando o que se passava com os outros.

Com o vento veio a chuva, grandes gotas geladas zurzindo obliquamente a trirreme e picando a pele com o seu impacto. Depressa os marujos se tornaram lentos e desajeitados no que faziam, devido ao frio que entorpecia os ossos. Embrulhado na sua capa à prova de água, o prefeito constatou que, se a tempestade não acalmasse rapidamente, o capitão e os

seus homens perderiam decerto o controlo do navio. E a toda a volta o mar enfurecia-se, dispersando os navios em todas as direcções. Por qualquer capricho da natureza, as três trirremes da frente do comboio sofreram o maior impacto da tempestade, sendo rapidamente afastadas dos outros navios — a trirreme do prefeito mais ainda. A tempestade bramira ao longo de toda a tarde e não mostrava sinais de acalmia com o aproximar da noite.

O prefeito rememorou o seu conhecimento do litoral britânico e examinou a costa mentalmente. Calculou que já tinham sido arrastados ao longo da costa para bem longe do canal que conduzia a Rutúpias. Os brancos e abruptos penhascos que rodeavam o povoado de Dúbris estavam à vista, a estibordo, e teriam ainda de combater a tempestade por algumas horas, antes de poderem tentar alcançar uma área segura da costa.

O capitão do navio cambaleou pelo convés agitado até perto dele e saudou, ao aproximar-se, mantendo uma mão firmemente agarrada ao corrimão de popa.

— Que é? — gritou o prefeito.

— O fundo do porão! — retorquiu o capitão, com a voz rouca do esforço de bradar ordens por cima do vento gritante, durante as últimas horas. Apontou o dedo para o convés, para se assegurar de que era entendido. — Estamos a meter demasiada água!

— É possível retirá-la?

O capitão inclinou o ouvido para o prefeito.

Inspirando fundo, o prefeito colocou a mão ao lado da boca e gritou:

— É possível retirá-la?

O capitão abanou a cabeça.

— Então e agora?

— Temos de correr com a tempestade! É a nossa única esperança para nos conservarmos à superfície. Depois, arranjar algum sítio seguro para desembarcar!

O prefeito abanou exageradamente a cabeça para mostrar que tinha compreendido. Muito bem, então. Teriam de encontrar algum sítio onde acostar o navio. A trinta ou quarenta milhas de distância dali, os rochedos abruptos da costa davam lugar a praias de seixos. Se a rebentação não estivesse demasiado bravia, seria possível acostar. Tal poderia causar sérios danos à trirreme, mas antes disso do que a certeza de perder o navio e toda a sua tripulação e passageiros. Ao pensar nisso, a mente do prefeito dirigiu-se para aqueles que se abrigavam algures sob os seus pés, uma mulher e os seus filhos. Tinham sido confiados aos seus cuidados, e deveria fazer tudo ao seu alcance para os manter a salvo.

— Dê a ordem, Capitão! Vou lá para baixo.

— Sim, senhor! — O capitão saudou e virou-se para a coberta entre os castelos, onde os marujos se amontoavam, junto à base do mastro. O prefeito observou por um momento o capitão a rugir as suas ordens e a apontar para a vela ferrada na verga ao topo do mastro. Ninguém se mexeu. O capitão gritou a ordem outra vez, e depois pontapeou selvaticamente o marujo mais próximo. O homem encolheu-se, o que fez com que levasse novo pontapé. Então agarrou-se ao cordame e começou a subir. Os outros seguiram-no, agarrando-se aos estais enquanto subiam a custo os enflechates que baloiçavam, e se distribuíam pela verga. Os seus pés descalços e gelados tentavam firmar-se nas cordas enquanto eles se moviam pouco a pouco acima do convés. Só quando todos os homens estivessem em posição é que podiam desfazer os nós e libertar a vela até aos ilhós dos primeiros rizes. Seria pano suficiente para permitir manobrar a embarcação enquanto esta era levada pela tempestade. Cada relâmpago desenhava brevemente a negro as silhuetas do mastro, da verga e dos homens, contra um ofuscante céu branco. O prefeito reparou que o relâmpago fazia com que a chuva parecesse, por um momento, parar em pleno ar. Apesar do terror que lhe invadia o coração, sentiu um arrepio de excitação perante aquela fantástica exibição dos poderes de Neptuno.

Por fim todos os homens se colocaram em posição. Firmando as suas sólidas pernas no convés, o capitão pôs as mãos em concha e virou o rosto para cima, em direção ao mastro.

— Desfraldar!

Dedos entorpecidos labutavam freneticamente nos nós de couro. Uns eram menos desajeitados que outros, o que fez com que a vela se desprendesse da verga de forma irregular. Um súbito estridor através do cordame anunciou o reatar dos mais selvagens esforços da tempestade, e a trirreme sentiu a sua cólera. Um marinheiro, num estado mais debilitado do que os seus camaradas, perdeu a mão e foi violentamente arremessado para a escuridão, tão depressa que nenhum dos que viram o sucedido repararam onde ele caíra, no mar. Mas não podia haver pausas nos esforços dos tripulantes. O vento empurrava com violência as partes expostas da vela e, antes que os marujos conseguissem atar os rizes, quase que a arrancou das suas mãos. Assim que trataram da vela, os homens deslocaram-se ao longo da verga e penosamente desceram para o convés; o seu ar alterado testemunhava o estado de frio e exaustão em que se encontravam.

O prefeito dirigiu-se para a braçola da escotilha, na popa, e, com cuidado, curvou-se para entrar no interior muito escuro. A pequena cabina parecia anormalmente tranquila, depois dos gritos e agressões do vento e da chuva no convés. Um som de choro atraiu-o à popa, onde as tábuas se uniam numa curva, e o clarão de um relâmpago que entrou pela a esco-

tilha revelou a mulher lá refugiada, os braços envolvendo os ombros de duas crianças. Tremiam, agarrados à mãe, e o mais novo, um miúdo de cinco anos, chorava inconsolavelmente, o rosto molhado das borrifadelas de água, de lágrimas e ranho. A irmã, três anos mais velha, estava apenas sentada, silenciosa, mas de olhos esbugalhados de terror. A proa da trirreme elevou-se de repente sobre uma onda enorme, e o prefeito quase tombou sobre os seus passageiros. Apoiou um braço contra o casco, e depois estatelou-se para o lado oposto. Demorou um bocado a recuperar o fôlego, e a voz calma da mulher ouviu-se, vinda do escuro.

— Vamos conseguir, não vamos?

Outro relâmpago revelou o pânico estampado na face pálida das crianças.

O prefeito resolveu não mencionar que tinha decidido tentar acostar a trirreme. Seria melhor poupar os seus passageiros a mais ansiedade.

— Claro, minha senhora. Estamos a ser levados pela tempestade mas, assim que passe, subiremos outra vez a costa até Rutúpias.

— Compreendo — replicou a mulher, inexpressivamente, e o prefeito percebeu que ela tinha lido nas entrelinhas. Era evidentemente uma mulher inteligente, que fazia jus à sua nobre família e ao seu marido. Deu um abraço tranquilizador aos seus filhos.

— Ouviram, meus queridos? Em breve estaremos quentinhos e secos.

O prefeito lembrou-se que tremiam e maldisse a sua falta de atenção.

— Um momento, minha senhora. — Os seus dedos entorpecidos lutaram com a fíbula que prendia a sua capa impermeável, junto ao pescoço. Praguejou à sua falta de jeito, mas então o fecho soltou-se. Tirou a capa dos ombros e ofereceu-a, na escuridão.

— Aqui tem, para si e para os seus filhos, minha senhora.

Sentiu que a capa era retirada da sua mão.

— Obrigada, Prefeito, é muito gentil da sua parte. Vamos lá aninhar-nos debaixo desta capa, meninos.

O prefeito dobrou os joelhos e envolveu-os com os braços, na tentativa de manter algum calor e conforto, quando uma mão lhe tocou gentilmente no ombro.

— Senhora?

— Chama-se Valério Maxêncio, não é?

— Sim, minha senhora.

— Então, Valério, abrigue-se debaixo desta capa connosco. Antes que o frio o mate.

O uso casual do seu nome próprio chocou o prefeito por um ins-

tante. Depois murmurou um agradecimento e juntou-se à mulher debaixo da capa. O miúdo tremia violentamente, sentado entre eles, e de vez em quando o choro tomava conta dele.

— Calma. Não nos vai acontecer nada, vais ver — disse o prefeito, suavemente.

Uma série de relâmpagos iluminou a cabina, e os dois adultos entreolharam-se. O olhar da mulher interrogou-o, e ele fez um movimento de cabeça. Um grande volume de água fria e argêntea inundou a cabina, através da escotilha. As enormes tábuas da trirreme rangiam por todos os lados, a sua estrutura sujeita a forças com que os seus construtores nunca tinham sonhado. O prefeito sabia que as juntas da embarcação não aguentariam muito mais daquela violência e que o mar acabaria por a afundar. E todos os escravos das galés, a tripulação e os passageiros se afundariam com ela. Praguejou brandamente, incapaz de se conter. A mulher adivinhou-lhe os sentimentos.

— Valério, a culpa não é sua. Nunca poderia ter previsto isto.

— Eu sei, minha senhora. Eu sei.

— Ainda nos podemos salvar.

— Sim, minha senhora. Se o diz.



Ao longo da noite, a tempestade arrastou a trirreme costa abaixo. Empoleirado a meia altura no cordame, o capitão desafiava o frio cortante, à procura de um sítio onde pudesse acostar a trirreme. Sempre consciente do facto de que o navio manobrava de forma cada vez mais lenta. Sob o convés, alguns escravos tinham sido desacorrentados para ajudarem a tirar água. Sentados em fila, passavam os baldes de mão em mão, despejando-os borda fora. Mas este trabalho não era o suficiente para salvar o navio; limitava-se a adiar o momento inevitável em que uma onda maciça se despenharia sobre a trirreme e a afundaria.

Um queixume desesperado chegou aos ouvidos do capitão, vindo dos escravos ainda acorrentados aos seus bancos. A água já lhes chegava aos joelhos e, para eles, não haveria esperança de salvação quando o navio naufragasse. Outros poderiam sobreviver durante algum tempo, agarrados a destroços, antes do frio acabar com eles, mas para os escravos o afogamento era certo, e o capitão compreendia bem a histeria deles.

A chuva transformou-se em saraiva e, depois, em neve. Densos flocos brancos redemoinhavam com o vento e acumulavam-se na túnica do capitão. As suas mãos estavam a perder toda a sensibilidade, pelo que tomou consciência de que devia voltar para o convés, antes que o frio o

enfraquecesse e o fizesse largar o cordame. Mas ao primeiro movimento para baixo vislumbrou, por cima da proa, a escura forma de uma ponta de terra. Meia milha adiante a espuma branca saltava e escorria sobre as rochas afiadas na base de um penhasco.

O capitão desceu rapidamente para o convés, apressando-se até à ré, em direcção ao homem do leme.

— Rochas à frente! Força nisso!

O capitão atirou-se ao manípulo de madeira e esforçou-se, juntamente com o piloto, contra a força do mar encapelado que dominava a larga pá do leme, no exterior do navio. A trirreme respondeu lentamente, e o gurupés começou a afastar-se das rochas. Ao clarão dos relâmpagos conseguiam ver os reluzentes dentes negros das fragas por entre as ondas que sobre elas quebravam. O rugido da rebentação sobrepunha-se até ao uivo do vento. Por um momento, o gurupés recusou-se a orientar-se para o mar aberto, e o coração do capitão encheu-se de um negro e frio desespero. Depois, por um feliz acaso, o vento fez com que a proa rodasse e se desviasse das rochas, a pouco mais de trinta metros adiante.

— Isso mesmo! Mantém-na assim! — gritou ele ao piloto.

Com o pouco pano aberto no mastro principal retesado perante a força do vento, a trirreme acelerou subitamente para a frente, emproada sobre o mar bravio. Passadas as rochas, o promontório deu lugar a uma praia de seixos, para lá da qual a terra subia, avistando-se algumas árvores enfezadas e dispersas. As ondas revolteavam na praia, em grandes extensões de espuma branca.

— Ali! — O capitão apontou. — Acostaremos ali.

— Com aquela rebentação? — gritou o piloto. — Loucura!

— É a nossa única hipótese! Vá, ao leme, comigo!

Com a pá do leme orientada na direcção oposta, a trirreme aproou à praia. Pela primeira vez o capitão permitiu-se acreditar que ainda poderiam sair vivos da tempestade. Até se riu, exultante por ter desafiado o pior da cólera que o grande Neptuno era capaz de lançar contra aqueles que se aventuravam nos seus domínios. Mas, com a segurança da praia quase ao alcance deles, o mar impôs finalmente a sua vontade. Uma grande vaga emergiu das profundezas escuras do oceano e elevou a trirreme mais e mais, até o capitão ter dado por si a ver a costa directamente por baixo. E logo que a crista da onda passou sob ele, o navio caiu como uma pedra. Com um duro embate, que fez saltar toda a tripulação, a proa ficou empalada numa rocha, não muito longe da base do promontório. O capitão rapidamente se levantou, e o convés imóvel debaixo das suas botas revelou-lhe que o navio já não flutuava.

A onda seguinte forçou o navio a rodar sobre o eixo, tanto que a

popa ficou mais próxima da praia. Um som lacerante vindo da frente ilustrava os danos que estavam a ocorrer. Lá de baixo vinha o berreiro dos escravos, à medida que a água escorria, em cascata, ao longo de todo o comprimento da trirreme. Dentro de momentos haveria de se imobilizar, e ondas sucessivas esmagá-la-iam, e a todos a bordo dela, contra as rochas.

— Que aconteceu?

O capitão virou-se e viu o prefeito Maxêncio a sair da escotilha. A escura forma da terra ali perto, e o negro reluzente das rochas molhadas na sua base, explicavam tudo. O prefeito gritou através da escotilha para que a mulher trouxesse os filhos para o convés. Depois virou-se de novo para o capitão.

— Temos de os tirar daqui! Têm de chegar a terra!

Enquanto a mulher e os filhos se amontoavam na parte lateral da popa, Valério Maxêncio e o capitão esforçavam-se para amarrar alguns odres inflados. Em volta, a tripulação prevenia-se com o que quer que encontrasse que pudesse flutuar. A gritaria vinda de baixo intensificou-se até se transformar em guinchos de terror abjecto que arrepiavam a espinha, à medida que a trirreme se ia afundando no mar escuro. Os gritos cessaram abruptamente. Um dos tripulantes no convés gritou e apontou para a escotilha da coberta principal. A água tremeluzia, já quase ao nível da grade. A única coisa que impedia o navio de se afundar era a rocha onde a proa estava encaixada. Agora, qualquer onda grande acabaria com eles.

— Aqui! — gritou Maxêncio para a mulher com os filhos. — Rápido!

À medida que as primeiras ondas começaram a rebentar sobre o convés, o prefeito e o capitão ataram os passageiros aos odres. A princípio o rapaz protestou e agitou-se, em pânico, enquanto Maxêncio tentava passar a corda em volta da sua cintura.

— Pára com isso! — A mãe esbofeteou-o. — Fica quieto.

O prefeito agradeceu com um gesto de cabeça, e acabou de atar o rapaz às bóias improvisadas.

— E agora? — perguntou ela.

— Esperem na popa. Quando eu disser, saltem. Depois batam os pés tanto quanto puderem, até à praia.

A mulher parou, olhando para os dois homens.

— E vocês?

— Seguir-vos-emos logo que possível. — O prefeito sorriu. — Agora, senhora. Por favor.

Permitiu que ele a conduzisse até à ré e, com cuidado, pôs as pernas do lado de fora; depois, agarrando nos seus filhos, um de cada lado, ganhou coragem para saltar.

— Mamã, não! — chorou o rapaz, vendo o mar bravio por baixo dos pés. — Por favor, mamã!

— Élio, vai correr tudo bem. Prometo!

— Senhor! — berrou o capitão. — Ali! Olhe ali!

O prefeito voltou-se e, através da tempestade salteada de neve, viu uma onda monstruosa precipitar-se sobre eles, com o vento a fustigar-lhe a crista, e a espalhar espuma em jorros brancos. Mal teve tempo de se virar para a mulher e gritar-lhe que saltasse. Em seguida, a onda desabou sobre a trirreme e fê-la rolar sobre as rochas. Os tripulantes que se encontravam na cobertura principal foram arrastados. Ao atirar-se para a água, junto ao leme, Maxêncio vislumbrou ainda uma última vez o capitão, agarrado à grade da escotilha principal, os olhos fixos no destino lúgubre que estava prestes a engoli-lo. Uma treva gelada envolveu o prefeito, e antes que pudesse fechar a boca, o seu nariz e garganta encheram-se de água salgada. Foi enrolado vezes sem conta, enquanto os seus pulmões se inflamavam, ansiando por ar. Precisamente quando julgava que ia morrer, os seus ouvidos encheram-se, por um instante, com o ruído da tempestade. Desapareceu imediatamente, mas então a sua cabeça veio de novo à tona. O prefeito tentou respirar, batendo os pés para se manter à superfície. O mar agitado elevou-o, e conseguiu ver a praia a curta distância. Da trirreme, não havia sinais. Nem vivalma da sua tripulação. Nem tão-pouco da mulher com os filhos. A ondulação aproximou-o um pouco mais das rochas, e a ideia de ser feito em bocados fez o prefeito ganhar forças para nadar até à praia.

Por várias vezes esteve certo de que as rochas seriam o seu destino. Mas enquanto se esforçava, debilitado como se sentia, para chegar à praia, o promontório começou a protegê-lo das ondas mais ferozes. Finalmente, exausto e desesperado, sentiu os pés rasparem no fundo de seixos. Depois, o refluxo afastou-o da praia novamente, pelo que bradou a sua raiva aos deuses, por lhe negarem a salvação nesse último momento. Determinado a não morrer ainda, cerrou os dentes e investiu num derradeiro esforço supremo para alcançar a praia. Por entre a espuma agitada de uma nova onda foi dolorosamente atirado contra os seixos, e preparou-se então para resistir ao refluxo quando o mar recuou. Antes que a onda seguinte rebentasse na praia, Maxêncio trepou pela inclinada rampa de seixos e deixou-se cair, completamente extenuado e arquejante.

Ao seu redor continuava a fúria da tempestade, e rajadas frescas de neve voluteavam pelo ar. Agora que estava a salvo, em terra, o prefeito deu-se conta de quão frio o seu corpo se encontrava. Tremia violentamente enquanto tentava invocar energia para se mover. Antes que o pudesse fazer, apercebeu-se de um agitar das pedras na proximidade, e alguém se sentou a seu lado.

— Valério Maxêncio! Sente-se bem?

Surpreendeu-se com a força da mulher quando esta lhe pegou e o virou de lado. Ele assentiu com a cabeça.

— Venha, então! — ordenou ela. — Antes que gele.

Colocou um dos braços dele sobre o seu ombro e serviu-lhe mais ou menos de apoio, praia acima, em direcção a uma ravina pouco profunda em que se adivinhavam as formas negras de algumas árvores enfezadas. Aí, ao abrigo de um tronco caído, as duas crianças estavam enroladas na ensopada capa do prefeito.

— Agasalhem-se. Todos, vá.

Ela juntou-se a eles, e os quatro amontoaram-se tão juntos quanto podiam, entre as dobras molhadas, tremendo violentamente à medida que a tempestade prosseguia e a neve caía sobre eles. Olhando na direcção do promontório, Maxêncio não via sinais da trirreme. Era como se o seu navio-almirante nunca tivesse existido, de tão completa que tinha sido a sua desapareição. Parecia que mais ninguém sobrevivera. Ninguém.

Ouviu um súbito arranhar de seixos acima do uivo do vento. Por momentos pensou que o tinha imaginado. Depois o som regressou e, dessa vez, podia jurar que também havia vozes.

— Há mais sobreviventes! — Sorriu para a mulher, pondo-se de joelhos. — Aqui! Aqui! — chamou.

Um vulto escuro apareceu à entrada da ravina. Depois surgiu outro.

— Aqui! — O prefeito acenou. — Aqui!

Os vultos imobilizaram-se um momento; depois um deles chamou, mas o sentido das suas palavras perdeu-se no vento. Ergueu uma lança e fez sinal para alguém.

— Valério, não faça barulho! — ordenou a mulher.

Mas era tarde demais. Tinham sido vistos, e mais homens se juntaram aos primeiros. Aproximaram-se cautelosamente dos romanos que tiritavam. Quando estavam mais perto, o tímido reflexo da neve permitiu que as suas fisionomias se fossem lentamente tornando visíveis.

— Mamã — sussurrou a rapariga. — Quem são eles?

— Caluda, Júlia!

Quando os homens estavam apenas a uns passos de distância, um relâmpago distante iluminou o céu. No seu brilho pálido, os homens ficaram brevemente expostos. Sobre mantos de peles grosseiramente cortadas, cabelos desgrenhados esvoaçavam ao vento. Mais abaixo, olhos ferozes flamejavam em rostos quase completamente tatuados. Por momentos, nem eles nem os romanos se mexeram ou disseram uma palavra. Então, o pequeno Élio não se conseguiu conter mais e um grito fino de terror absoluto rasgou o ar.



## II

— Estou certo de que era aqui perto — resmungou entredentes o centurião Macro, lançando o olhar a uma escura vereda que dava para o cais. — Alguma ideia?

Os outros três trocaram um olhar, enquanto batiam os pés na neve. Ao lado de Cato — o jovem optio de Macro — estavam duas mulheres nativas, da tribo dos Icenos, envoltas em quentes e esplêndidos mantos adornados de peles. Tinham sido criadas por pais que há muito haviam antecipado o dia em que os Césares estenderiam os limites do seu império à Britânia. As raparigas tinham aprendido latim desde muito cedo, com um escravo instruído proveniente da Gália. Como consequência, o seu latim tinha um sotaque cadenciado, um efeito que Cato achava bastante aprazível aos ouvidos.

— Ouve lá — protestou a rapariga mais velha. — Disseste que nos levavas a uma pequena cervejaria agradável. Não vou passar a noite a andar para cima e para baixo pelas ruas geladas até que encontres precisamente a que procuras. Entramos na próxima que virmos, de acordo? — Olhou para a amiga e para Cato, com os olhos ferozes exigindo o assentimento deles. Ambos concordaram de imediato.

— Deve ser por esta rua — respondeu Macro rapidamente. — Sim, agora me lembro. É ali.

— É bom que seja. Senão levas-nos a casa.

— Tudo bem. — Macro ergueu uma mão como que para a aplacar. — Vamos lá.

Com o centurião à frente, o pequeno grupo seguiu caminho pela estreita vereda, rodeada pelas cabanas escuras dos Trinobantes. A neve caíra durante todo o dia, cessando apenas pouco depois do anoitecer. Camaloduno e a paisagem circundante jaziam sob um denso manto de brilhante alvura, e a maioria das pessoas estava dentro de casa, aconchegadas em torno de lareiras fumarentas. Apenas os mais resistentes jovens da

cidade se juntavam aos soldados romanos na procura de recantos onde pudessem desfrutar de uma noite de bebida, de canções entoadas em tom roufenho e, com alguma sorte, de uma rixa ou outra. Os soldados, munidos de bolsas abauladas com o peso das moedas, deslocavam-se até à cidade desde o vasto acampamento que se estendia mesmo às portas de Camaloduno, junto à sua entrada principal. Quatro legiões — mais de vinte mil homens — passavam o Inverno em aquartelamentos rústicos de madeira e turfa, esperando impacientemente pela chegada da Primavera, para que a campanha para a conquista da ilha pudesse recomeçar.

Tinha sido um Inverno especialmente rigoroso, e os legionários, encerrados no seu acampamento e limitados a uma imutável dieta de guisado de vegetais e cevada, estavam irrequietos. Sobretudo desde que o general lhes adiantara uma porção do donativo oferecido ao exército pelo Imperador Cláudio. Este bónus fora dado para celebrar a derrota do comandante britânico, Carátaco, e a queda da sua capital, Camaloduno. As gentes da cidade, envolvidas neste ou naquele mister, rapidamente recuperaram do choque da derrota e tiraram partido da oportunidade de limpar os bolsos aos soldados acampados à sua porta. Um grande número de cervejarias tinha aberto para abastecer os legionários com toda a variedade de cervejas locais, bem como com vinho enviado do continente por mercadores dispostos a arriscar os seus navios nos mares de Inverno, em troca de preços elevados.

Os locais que não faziam dinheiro com os seus novos senhores viam com desprazer como os estrangeiros bêbados cambaleavam entre as cervejarias e o aquartelamento, cantando em altos berros e vomitando ruidosamente pelas ruas. Como era de esperar, os anciães da cidade acabaram por se cansar da situação, e enviaram uma delegação ao general Pláucio. Lembraram educadamente que, no interesse da aliança que fora recentemente forjada entre os Romanos e os Trinobantes, seria bom que não continuasse a ser permitido aos legionários entrarem na cidade. Compreensivo quanto à necessidade de preservar as boas relações com os nativos, o general também sabia que se arriscaria a um motim caso negasse aos seus soldados uma forma de escoar as tensões que acompanhavam sempre os longos meses passados nos quartéis de Inverno. Assim, foi alcançado um compromisso, e o número de passes a distribuir pelos soldados foi racionalizado. A consequência foi que os legionários ficaram ainda mais determinados a envolverem-se em pândegas frenéticas de cada vez que lhes era permitida a entrada na cidade.

— Cá estamos! — disse Macro triunfalmente. — Disse-vos que era aqui.

Estavam diante de uma pequena porta guarnecida de tachões, no

piso térreo de um edifício de pedra. Uma janela com portinholas fechadas via-se alguns passos ao lado, para quem subisse a vereda. Um caloroso brilho vermelho delineava o rebordo das portinholas, e podia-se ouvir o ruído das conversas no interior.

— Ao menos deve estar quente — disse a rapariga mais nova, tranquilamente. — Que achas, Boudica?

— Acho bem que esteja — replicou a sua prima, e alcançou a aldraba da porta. — Vamos lá então.

Horrorizado com a perspectiva de ser precedido por uma mulher ao entrar numa taberna, Macro meteu-se atabalhoadamente entre ela e a porta.

— Oh, por favor, permitam-me. — Sorriu, numa tentativa de demonstrar boas maneiras. Abriu a porta e enfiou-se pela entrada. O pequeno grupo seguiu-o. O ar quente e fumarento envolveu-os, e o brilho do fogo e de várias candeias de sebo pareceu-lhes muito forte, depois da escuridão do beco. Algumas cabeças viraram-se para inspeccionar os recém-chegados, e Cato reparou que muitos dos clientes eram legionários de folga, vestidos com espessas túnicas e capas militares, vermelhas.

— Fecha a porta! — alguém gritou. — Senão ainda congelamos, caralho.

— Tento na língua! — gritou Macro de volta. — Há senhoras na sala!

Um coro de apupos soou dos restantes clientes.

— Podes crer que há! — Perto, um legionário riu-se, ao apalpar o rabo a uma empregada de bar que passava, carregando uma mão cheia de jarros vazios. Ela gritou, e rodopiou para lhe infligir uma forte bofetada, antes de fugir para o balcão na parte mais afastada da cervejaria. O legionário esfregou a face inflamada e riu-se de novo.

— E recomendas tu este sítio? — resmungou Boudica.

— Dá-lhe uma oportunidade. Diverti-me bem aqui da outra vez. Tem atmosfera, não achas?

— Decerto que tem atmosfera — disse Cato. — Pergunto-me é quanto tempo levará até se levantar uma rixa.

O centurião lançou-lhe um olhar assassino antes de se virar para as duas mulheres.

— E as senhoras, o que vão querer?

— Um assento — respondeu Boudica, de modo áspero. — Um assento servirá muito bem, por ora.

Macro encolheu os ombros.

— Vê lá isso, Cato. Procura um sítio sossegado. Eu vou buscar as bebidas.

Enquanto Macro abria caminho através da multidão até ao bar, Cato olhou em volta e viu que o único lugar vazio era uma mesa raquítica flanqueada por dois bancos, mesmo junto à porta por onde tinham acabado de entrar. Puxou pela extremidade de um banco e inclinou a cabeça.

— Aqui têm, senhoras.

Boudica franziu o lábio perante a tosca mobília que lhe era apresentada, e poderia mesmo ter recusado o lugar caso a sua prima não a tivesse rapidamente acotovelado, incitando-a. A mulher mais nova chamava-se Nessa, e era uma Icena de cabelo castanho, olhos azuis e faces redondas. Cato estava bem ciente de que o seu centurião e Boudica tinham combinado trazê-la para que ele se distraísse enquanto o casal mais velho continuava a sua peculiar relação.

Macro e Boudica tinham-se conhecido pouco depois da queda de Camaloduno. Uma vez que os Icenos tinham oficialmente uma posição de neutralidade quanto à guerra entre Roma e a confederação das tribos resistentes aos invasores, Boudica estava mais curiosa que hostil em relação aos homens vindos do grande império para lá do mar. Os anciões da cidade tinham-se apressado a granjear a simpatia dos seus novos governantes, e convites para festas inundaram o acampamento romano. Até mesmo os centuriões menores como Macro se viam solicitados. Na primeira dessas noites conheceu Boudica. A princípio, a sua natureza franca desagradou-lhe; os celtas pareciam ter uma atitude desagradavelmente igualitária relativamente ao sexo fraco. Vendo-se ao lado de um centurião, que por sua vez se via ao lado de um barril da mais forte cerveja que já tinha encontrado, Boudica imediatamente começou a atormentá-lo com perguntas sobre Roma. A princípio a sua abordagem sem rodeios levou Macro a supô-la apenas mais uma das mulheres com cara de cavalo que constituíam a maioria da classe alta bretã. Mas à medida que ia aguentando o interrogatório, ia a pouco e pouco ficando cada vez menos interessado na cerveja. Resmungando a princípio, depois com vontade, à medida que ela o conduzia, astuciosamente, a uma discussão mais aberta, Macro falou com ela de uma forma que nunca antes fizera com uma mulher.

No final da noite sabia que queria ver de novo aquela animada Icena, e balbuciou um pedido para que se encontrassem novamente. Ela aceitou com prazer, e convidou-o para uma festa que ia ser dada por um seu parente na noite seguinte. Macro fora o primeiro convidado a chegar, e manteve-se num silêncio embaraçado junto ao banquete de carnes frias e cerveja quente, até Boudica surgir. Depois observou horrorizado como ela o acompanhava bebida atrás de bebida. Antes de ele perceber o que se passava, ela tinha-lhe colocado um braço sobre os ombros, apertando-o fortemente contra si. Olhando em redor, Macro viu o mesmo atrevimento

nas outras mulheres celtas, e estava a tentar reconciliar-se com os estranhos costumes desta nova cultura, quando Boudica lhe plantou um beijo ébrio nos lábios.

Momentaneamente alarmado, Macro tentou libertar-se do seu poderoso abraço, mas a rapariga entendeu as suas contorções como sinais de ardor, e limitou-se a renovar o seu amplexo. Por isso, Macro entregou-se e beijou-a também, e nas alcoólicas asas da paixão enfiaram-se debaixo de uma mesa num canto escuro, e passaram a noite em confusos abraços. Só os efeitos da cerveja impediram que a sua atracção mútua fosse consumada. E Boudica fora suficientemente decente para não armar discussão por causa disso.

Desde então tinham passado a encontrar-se quase diariamente, e por vezes Macro convidava Cato para se juntar a eles, mais por pena do rapaz, que tão recentemente tinha visto o seu primeiro amor ser assassinado pelas mãos de um traçoeiro aristocrata Romano. Silencioso e tímido a princípio, Cato fora pouco a pouco atraído pela sociabilidade contagiosa de Boudica, e agora os dois eram capazes de manter uma conversa durante horas. Macro sentia-se, aos poucos, posto de lado. Apesar de Boudica dizer que apenas tinha relações com adultos, Macro não se sentia seguro. Daí a presença de Nessa — sugerida por Macro. Uma rapariga a quem Cato se poderia dedicar enquanto ele continuava a cortejar Boudica.

— O teu centurião costuma frequentar sítios como este? — perguntou Boudica.

— Nem sempre tão bons como este. — Cato sorriu. — Devias sentir-te honrada.

Nessa não captou o tom irónico e fungou de aversão perante a ideia de que alguém, no seu perfeito juízo, achasse um privilégio ser levado a tal espelunca. Os outros dois reviraram os olhos.

— Como é que conseguiste autorização para sair? — perguntou Cato a Boudica. — Julguei que naquela noite em que tivemos de te levar a casa fosse rebentar um vaso sanguíneo ao teu tio.

— Quase que rebentou. O pobre do velhote nunca mais foi exactamente o mesmo desde aí, e só concordou em deixar-nos sair com uns primos afastados se tivéssemos escolta.

Cato franziu as sobrancelhas.

— Onde está a escolta, então?

— Não sei. Separámo-nos na multidão, perto do portão da cidade.

— De propósito?

— Claro. Por quem me tomas?

— Nem ousaria sequer insinuá-lo.

— És muito sensato.

— Prasutago até se deve ter mijado de preocupação! — Nessa dava risadinhas. — Podem apostar que irá procurar em todas as casas de bebidas de que se lembrar.

— O que nos mantém bem a salvo, uma vez que o meu querido parente — mais um primo, a propósito — nunca se lembraria deste sítio. Duvido até que alguma vez se tenha aventurado nestas ruelas por trás do cais. Não haverá problema.

— Se nos encontrasse — os olhos de Nessa abriram-se muito —, enlouqueceria! Lembras-te do que ele fez àquele rapaz atrébate, que tentou meter conversa connosco? Julguei que Prasutago o fosse matar!

— Provavelmente era o que aconteceria, se eu não o tivesse impedido.

Cato inquietou-se.

— Um tipo grande, esse vosso parente?

— Enorme! — Nessa riu-se. — *Sal!* Enorme é a palavra certa.

— Com um cérebro inversamente proporcional ao físico — acrescentou Boudica. — Por isso nem sequer penses em discutir com ele se ele aparecer. Limita-te a correr.

— Estou a ver.

Macro voltava do bar, de braços erguidos para manter as canecas e o jarro acima da multidão. Poisou-os na superfície áspera do banco e, educadamente, encheu cada caneca de barro até à borda com vinho tinto.

— Vinho! — exclamou Boudica. — Sabes mesmo como mimar uma senhora, centurião.

— A cerveja acabou — explicou Macro. — Isto é tudo o que eles têm, e não foi nada barato. Por isso bebam e apreciem.

— Enquanto nos for possível, senhor.

— Hã? Que foi, rapaz?

— Estas senhoras só aqui estão porque escaparam à companhia de um parente muito volumoso, que provavelmente anda, agora mesmo, à procura delas, e nada bem disposto.

— O que não é de admirar, numa noite destas — disse Macro, encolhendo os ombros. — Mas agora estamos bem longe do frio. Temos fogo, bebida e boa companhia. Que mais se pode pedir?

— Um assento perto do fogo — deu como resposta Boudica.

— Vamos fazer um brinde. — O centurião ergueu a sua caneca. — A nós! — Macro levou a caneca aos lábios e emborcou o vinho de uma só vez, depois bateu com a caneca na mesa. — Ahhhh! Assim, sim! Alguém quer mais?

— Espera um pouco. — Boudica seguiu-lhe o exemplo e emborcou a sua caneca.

Cato conhecia os seus limites no que dizia respeito ao vinho, e limitou-se a abanar a cabeça.

— Tu é que sabes, rapaz, mas o vinho é tão bom como uma pancada na cabeça para te ajudar a esquecer os problemas.

— Se o diz, senhor.

— Ah, pois digo. Principalmente quando se tem más notícias a dar.

— Macro olhou sobre a mesa, para Boudica.

— Que notícias? — perguntou ela bruscamente.

— A legião vai ser enviada para sul.

— Quando?

— Daqui a três dias.

— É a primeira vez que oiço falar nisso — disse Cato. — Que se passa?

— Suponho que o general quer usar a Segunda Legião para impedir Carátaco de fugir pelo sul do Tamisa. As outras três legiões poderão passar a pente fino o lado norte do rio.

— O Tamisa? — Boudica franziu as sobrancelhas. — Mas isso é muito longe. Quando é que a tua legião volta para aqui?

Macro estava prestes a dar uma resposta suave e tranquilizadora, quando reparou na expressão desapontada no rosto de Boudica. Compreendeu que a honestidade era o melhor curso a seguir nessa situação. Era preferível que Boudica soubesse já a verdade e não ficasse mais tarde ressentida com ele.

— Não sei. Talvez daqui a uns quantos períodos de campanha, talvez nunca. Tudo depende de quanto tempo mais vai Carátaco continuar a lutar. Se o derrotarmos rapidamente, a província poderá ser pacificada de imediato. Por enquanto, aquele sacana manhoso continua a realizar ataques repentinos aos nossos postos de abastecimento, e ao mesmo tempo vai tentando negociar com outras tribos para que se juntem a ele na resistência.

— Não podes culpá-lo por lutar bem.

— Se isso nos mantiver separados um do outro, posso. — Macro alcançou-lhe a mão e apertou-a afectuosamente. — Esperemos portanto que ele seja suficientemente esperto para perceber que nunca poderá vencer. Então, depois da província ser pacificada, peço uma licença, e venho ter contigo.

— Esperas que a província seja pacificada assim tão rapidamente? — Boudica irritou-se. — Ai! Quando é que vocês, romanos, aprendem? Carátaco lidera apenas as tribos que estão sob o domínio dos Catuvelaunos. Há muitas outras tribos, na sua maioria demasiado orgulhosas para se deixarem liderar em batalha por outro chefe, e decerto demasiado orgulho-

sas para se submeterem docilmente ao domínio romano. Olhem, a nossa própria tribo. — Boudica apontou para ela própria e para Nessa. — Os Icenos. Não conheço nenhum guerreiro que sonhe tornar-se súbdito do vosso Imperador Cláudio. É claro que vocês tentaram aliciar os nossos chefes com promessas de aliança e uma parte do espólio obtido das tribos que Roma derrotar no campo de batalha. Mas, aviso-vos, no momento em que tentar tornar-se na nossa governante, Roma pagará um elevado preço com o sangue das suas legiões...

A sua voz tinha-se tornado estridente, e por um momento os olhos brilharam-lhe num desafio através da mesa. Alguns dos que bebiam nos bancos próximos viraram-se para olhar, e as conversas acalmaram por momentos. Depois, as cabeças voltaram-se para a frente, e o ruído aumentou de novo, lentamente. Boudica serviu-se de outra caneca de vinho e emborcou-a antes de continuar, mais calmamente.

— É verdade para a maioria das outras tribos também. Acredita.

Macro olhou-a fixamente e assentiu devagar, enquanto pegava de novo na mão dela, e a segurava gentilmente na sua.

— Desculpa-me. Não pretendia desconsiderar o teu povo. A sério. Não sou muito bom com palavras.

Os lábios de Boudica desenharam um sorriso.

— Deixa lá, compensas doutras formas.

Macro olhou de relance para Cato.

— Achas que podias levar aqui a rapariga até ao bar por um bocado? A senhora e eu precisamos de falar.

— Sim, senhor. — Cato, sensível à delicadeza da situação, rapidamente se levantou do banco e estendeu o braço a Nessa. A jovem olhou para a prima, que lhe fez um sinal vago com a cabeça.

— Está bem. — Nessa sorriu. — Tu tem cuidado, Boudica, sabes como estes soldados são.

— *Sa!* Eu sei cuidar de mim!

Cato não duvidava. Tinha acabado por conhecer Boudica bastante bem durante os meses de Inverno, pelo que sabia que o centurião tinha poucas hipóteses. Conduziu Nessa até ao balcão através da multidão de bêbados. O empregado de bar, um velho gaulês, a julgar pelo sotaque, tinha abandonado a moda romana que imperava no continente, e usava uma túnica ricamente decorada, nos ombros da qual repousavam as suas tranças. Estava a lavar canecas num balde de água suja e olhou para cima quando Cato bateu no balcão com uma moeda. Limpando as mãos ao avental, aproximou-se e ergueu as sobranceiras.

— Duas canecas de vinho quente — pediu Cato, antes de perguntar a Nessa. — Pode ser?

Ela disse que sim com a cabeça, e o empregado agarrou em duas canecas e dirigiu-se a um velho caldeirão de bronze, colocado numa grelha enegrecida sobre tições meio apagados. Voluteava vapor do interior e, mesmo onde se encontrava, Cato conseguia sentir o cheiro das especiarias que se sobrepunha ao da cerveja e ao omnipresente cheiro acre da humanidade. Cato, alto e magro, olhou para baixo, para a sua companheira icena, à medida que ela observava ansiosamente o gaulês mergulhar uma concha no caldeirão para agitar a mistura. Cato franziu as sobrancelhas. Sabia que devia tentar meter conversa, mas nunca tivera jeito para isso, pois temia que o que quer que dissesse soasse falso ou simplesmente estúpido. Além disso, não estava para aí virado. Não que Nessa não fosse atraente aos seus olhos — quanto à sua personalidade, só podia imaginar —, simplesmente continuava amargurado por causa de Lavínia.

A paixão que sentira por Lavínia correra-lhe como fogo pelas veias, mesmo depois dela o ter traído e ter corrido para a cama do canalha do Vitélio. Antes de Cato conseguir convencer-se a desprezá-la, Vitélio tinha arrastado Lavínia para um conluio para matar o Imperador, assassinando-a depois a sangue frio para encobrir as provas que o incriminariam. A imagem das negras tranças do cabelo de Lavínia sobre o sangue que lhe escorria da garganta cortada invadiu o pensamento de Cato e fê-lo sentir-se enjoado. Desejava-a mais do que nunca.

Toda a paixão que lhe restava servia para cultivar um ódio figadal pelo tribuno Valério, tão grande que nenhuma vingança seria suficientemente terrível. Mas Vitélio tinha regressado a Roma com o Imperador, aclamado como herói, depois da sua frustrada tentativa de assassinio. Assim que se tinha tornado claro que os guarda-costas do Imperador evitariam o crime, Vitélio saltara sobre a assassina, matando-a. E agora o Imperador considerava o tribuno como o seu salvador, e a sua gratidão não encontrava nenhuma recompensa ou honra que bastassem. Com o olhar fixo na distância, a expressão de Cato endureceu-se ao ponto dos lábios ficarem finos de azedume, o que atemorizou a sua companheira.

— Que é que se passa contigo?

— Há? Desculpa. Estava a pensar.

— Acho que nem quero saber.

— Não era nada acerca de ti.

— Espero que não. Olha, aí vem o vinho.

O gaulês regressou ao balcão com duas canecas fumegantes, cujo rico aroma despertou até as papilas gustativas de Cato. Aceitou a moeda que Cato lhe deu e voltou-se de novo para o balde onde lavava a loiça.

— Olha lá! — chamou Cato. — E o meu troco?

— Não há troco — resmungou o gaulês, por cima do ombro. — O preço é este. Graças às tempestades, há pouco vinho.

— Mesmo assim...

— Não gostas dos meus preços? Então vai-te foder e procura outro sítio onde beber.

Cato sentiu o sangue fugir-lhe da face e a ira fez com que cerrasse os punhos. Quase gritou, e mal conseguiu conter a terrível raiva e o desejo de desfazer o velho. Com o regresso do auto-controlo, sentiu-se horrorizado pelo momento por que passara, dada a racionalidade de que se orgulhava. Envergonhado, olhou em volta para ver se alguém tinha reparado em quão próximo estivera de se revelar um pateta. Apenas um homem olhava na sua direcção, um gaulês entroncado, curvado sobre a outra extremidade do balcão. Observava Cato com atenção e uma mão movera-se em direcção ao punhal que tinha numa bainha de metal pendurada no cinto. Obviamente, um tipo contratado para segurança do velho gaulês. Encontrou o olhar do optio, e ergueu a mão para lhe mostrar um dedo, sorrindo tenuemente com desdém, como que avisando o jovem para que se comportasse.

— Cato, há um lugar perto do fogo. Vamos. — Nessa empurrou-o devagar do balcão, na direcção da lareira de tijolos, na qual os toros sibilavam e estalavam. Cato resistiu ao toque por um instante, mas depois lá cedeu. Escolheram caminho por entre os clientes, com cuidado para não entornarem o vinho quente, e sentaram-se em dois bancos baixos, junto a outros que apreciavam o calor do fogo.

— Que é que foi aquilo? — perguntou Nessa. — Parecias mesmo assustador ali ao balcão.

— Parecia? — Cato encolheu os ombros, e em seguida sorveu da sua caneca fumegante.

— Sim, parecias. Julguei que te ias a ele.

— E ia.

— Porquê? Boudica disse-me que eras do tipo calmo.

— E sou.

— Então, porquê aquilo?

— É pessoal! — replicou Cato bruscamente. Depois, rapidamente se arrependeu. — Desculpa, não queria soar assim. É só porque não quero falar disso.

— Compreendo. Então vamos falar de outra coisa.

— Por exemplo?

— Não sei. Pensa tu nalguma coisa. Fazia-te bem.

— Está bem; olha, aquele primo da Boudica, Prasutago, é assim tão perigoso quanto parece?

— Pior. Ele é mais do que um simples guerreiro. — Cato viu a expressão de medo no rosto dela. — Possui outros poderes.

— Que tipo de poderes?

— Não... não posso dizer.

— Tu e a Boudica correrão algum perigo quando ele vos vir outra vez?

Nessa abanou a cabeça enquanto sorvia da sua caneca, deixando cair algumas gotas de vinho na parte da frente do vestido, onde brilharam por momentos à luz das chamas, antes de serem absorvidas.

— Oh, há-de ficar vermelho de raiva e gritar um bocado, mas não mais que isso. Depois da Boudica lhe fazer olhinhos, rebolará e esperará que ela lhe faça cócegas na barriga.

— Gosta dela, então?

— É como dizes. Está caidinho de todo. — Nessa esticou o pescoço para olhar através da sala para a amiga, que estava inclinada sobre a mesa, a palma da mão na face de Macro, afagando-a. Voltando-se de novo para Cato, sussurrou-lhe confidencialmente, como se Boudica pudesse de alguma forma ouvi-la:

— Aqui entre nós, ouvi dizer que Prasutago se apaixonou mesmo por ela. Assim que a Primavera chegar, vai levar-nos à nossa aldeia. Não me surpreenderia que ele aproveitasse a ocasião para pedir ao pai de Boudica permissão para a desposar.

— O que é que ela sente por ele?

— Oh, decerto que aceitará.

— A sério? Porquê?

— Não é todos os dias que o próximo rei dos icenos nos pede a mão em casamento.

Cato assentiu lentamente com a cabeça. Boudica não seria a primeira mulher que conhecia a colocar a promoção social à frente da realização emocional. Decidiu que não contaria nada disto ao seu centurião. Se Boudica ia abandonar Macro e casar-se com outra pessoa qualquer, ela que lhe dissesse.

— É pena. Ela merece melhor.

— Claro que merece. É por isso que anda metida com o teu centurião. E também quer divertir-se tanto quanto conseguir, enquanto pode. Duvido que Prasutago lhe dê muita liberdade quando estiverem casados.

Um estrondo repentino ressoou por trás deles. Cato e Nessa viraram-se e viram que a porta da cervejaria tinha sido aberta a pontapé. Comprimindo-se através dela, encontrava-se um dos homens mais volúmosos que Cato alguma vez vira. Ao endireitar-se, de forma desajeitada, a sua cabeça tocou no tecto de colmo. Praguejando zangado na sua língua,

curvou-se de novo e avançou para onde pudesse manter-se erecto, e dar uma boa olhadela aos clientes em redor. Tinha bem mais que um metro e oitenta de altura, com largura a condizer. Os músculos protuberantes sob a pele peluda dos seus antebraços fizeram com que Cato engolisse em seco, ao compreender, com um sentimento de inevitabilidade, quem era o recém-chegado.



### III

— Oh, não! — Nessa estremeceu. — Agora é que vão ser elas.

À medida que Prasutago mirava em volta os clientes que bebiam, Cato e Nessa mantiveram-se silenciosos e tentaram evitar que ele os visse, enquanto ao mesmo tempo o iam mantendo debaixo de olho. No recanto perto da porta, Boudica e Macro estavam fora do campo de visão do recém-chegado, e ela gesticulou para que o romano se enfiasse debaixo do banco. Ele fez que não com a cabeça. Ela abanou o dedo para baixo, insistentemente, mas o centurião manteve-se inflexível. Passou a perna sobre o banco, pronto para enfrentar o recém-chegado. Boudica emborcou rapidamente a sua caneca e meteu-se ela própria debaixo do banco, comprimindo-se contra a parede mais afastada de Prasutago. Ao fazê-lo, deu um safanão na mesa, e a caneca caiu da borda e fez-se em bocados no chão.

Prasutago sacou de um punhal de debaixo da capa e rodou, pronto a saltar sobre qualquer inimigo que avançasse à sorrelfa por trás dele. Ao ver Macro de pé, mediu-lhe a estatura atarracada, e então o guerreiro iceno desatou a rir às gargalhadas.

— Estás-te a rir de quê? — rosnou Macro.

Nessa apertou o braço de Cato e disse, aflita:

— O teu amigo é louco!

— Não — sussurrou Cato. — O vosso parente é que corre perigo. Está embriagado e lixou a paciência ao Macro. É melhor ter cuidado.

Prasutago deu uma palmada pesada no ombro do centurião e disse algo conciliador na sua língua. O punhal desapareceu de novo para dentro da capa.

— Tira a mão! — rugiu Macro. — Podes ser uma viga do caraças, mas já fiz tombar homens bem mais rijos que tu.

O guerreiro ignorou-o e virou-se para os outros clientes, continuando a busca pelas suas parentes desaparecidas. Nessa tinha-se levantado para melhor ver o confronto, e foi demasiado lenta a esconder-se de novo.

— Ahhh! — troou o gigante, e começou a abrir caminho, afastando à bruta todos os que lhe apareciam pela frente. — Nessa!

Antes de poder considerar a sensatez da sua acção, Cato meteu-se entre os dois, de mão erguida para parar o guerreiro que se aproximava.

— Deixa-a em paz! — A voz tremeu-lhe quando se apercebeu da estupidez do seu acto.

Prasutago deu-lhe uma pancada que o afastou para um lado, agarrou Nessa pelos ombros e, como seria de esperar pela descrição do homem, começou a berrar com ela. Cato levantou-se do chão e atirou-se ao bretão. Prasutago mal abanou. No momento seguinte, uma mão pesada bateu lateralmente na cabeça de Cato, que começou subitamente a ver tudo branco, antes de cair como uma pedra, sem sentidos.

Junto à porta, Macro levantou-se.

— Agora passaste os limites, querido!

Meteu-se pela multidão adentro até a lareira. Atrás de si, Boudica debatia-se para sair de debaixo do banco.

— Macro! Pára! Ele mata-te.

— Ele que tente, o sacana.

— Pára! Imploro-te! — Correu atrás dele, e agarrou-o pelos ombros.

— Larga-me, mulher!

— Por favor, Macro!

Prasutago sentiu a agitação atrás de si e fez uma pausa no severo tratamento que dava a Nessa, para poder olhar sobre o ombro. De repente, afastou Nessa para um lado e rodou o corpanzil, rugindo uma torrente de palavras numa mistura de alívio e raiva. Macro parou a curta distância do gigante, procurando em volta alguma coisa que pudesse usar como arma, para equilibrar a contenda. Agarrou uma muleta que estava no chão, ao lado de um indígena inconsciente, e brandiu-a como se fosse um bastão. Mas antes que pudesse dar um passo em direcção a Prasutago, um forte pancada na parte de trás da cabeça derreou-o — Boudica tinha-lhe batido com um jarro de barro. Atordoado e desorientado, Macro debateu-se para se colocar de gatas.

— Deixa-te estar! — sibilou Boudica. — Deixa-te estar e mantém-te calado, se sabes o que é bom para ti.

Ela avançou para o primo, de olhos a dardejar e boca cerrada em ultraje. Prasutago continuava a berrar e a agitar os enormes braços. Boudica parou em frente dele e esbofeteou-o na cara, repetidas vezes, até a sua boca se calar e os seus braços ficarem inertes, junto ao corpo.

— *Na*, Boudica! — protestou ele. — *Na!*

Ela esbofeteou-o uma vez mais, e apontou-lhe um dedo à cara, de-

safiando-o a dizer mais alguma coisa. Os olhos dele inflamaram-se e cerrou os dentes, mas não proferiu palavra. Os outros clientes assistiam em silêncio, fascinados, à espera do próximo passo no confronto entre o guerreiro brutamontes e a altiva mulher que de forma tão destemida o desafiara. Por fim, Boudica baixou o dedo. Prasutago fez que sim com a cabeça, e falou-lhe calmamente, com um ligeiro aceno em direcção à porta. Boudica chamou Nessa e conduziu-os para a rua. Parando um momento, Prasutago enfrentou os clientes da taberna, desafiando quem quer que fosse a rir-se dele. Depois, afastando do caminho, com um pontapé, o optio prostrado, saiu, apressando-se a alcançar as raparigas antes que elas desaparecessem de novo.

Todos os clientes no estabelecimento tentavam espreitar pela porta aberta, atentos a algum sinal de que o guerreiro ia voltar. A conversa reatou-se pouco a pouco; o velho gaulês acenou com a cabeça para o segurança, e o homem foi até à porta e fechou-a. Dirigiu-se depois, despreocupadamente, até Macro.

— Estás bem, amigo?

— Já estive melhor. — Macro esfregou a cabeça e fez uma careta.

— Merda! Aquela doeu.

— Não me admira nada. Que mulher.

— Oh, sim!

— Mas salvou-te a pele. A ti e ali ao rapaz.

— Cato! — Macro apressou-se até ao optio, que estava apoiado no cotovelo, abanando a cabeça. — Ainda estás connosco?

— Não tenho a certeza, senhor. Parece que me caiu uma casa em cima.

— Não andou longe disso! — riu o segurança. — Aquele Prasutago tem a mão muito pesada.

Cato olhou para cima.

— Oh, a sério?

O gaulês levantou Cato e limpou-lhe a palha da túnica.

— Agora, se os dois cavalheiros não se importarem, gostaria que abandonassem o local de imediato.

— Porquê? — perguntou Macro.

— Porque eu assim o digo, olha o caralho — replicou o segurança, com um sorriso. A seguir, acalmou-se um pouco. — Não se provoca assim um guerreiro iceno de elevado estatuto. Especialmente quando bêbado. Nem quero pensar no que acontecerá ao negócio do meu patrão, se Prasutago regressar com alguns amigos e vos encontrar ainda aqui.

— Achas mesmo que voltará? — perguntou Cato, olhando nervosamente para a porta.

— Assim que descobrir alguma ligação entre as amigas e vocês os dois. Por isso, é melhor porem-se a andar, não?

— É justo. Vamos, Cato. Vamos procurar outro sítio onde beber.

Cobrindo-se cuidadosamente com as capas, Macro e Cato curvaram-se para passar sob o lintel. O raio de luz alaranjada que incidia sobre a neve na vereda desapareceu abruptamente quando a porta foi firmemente fechada atrás deles. Não havia sinais de Prasutago nem das duas mulheres, a não ser as marcas na neve, que seguiam pelo beco acima.

— E agora? — perguntou Cato.

— Conheço outro sítio. Não tão bom quanto este. Mas há-de servir.

— Não tão bom...

— Queres uma bebida ou não?

— Quero, senhor.

— Então cala-te e segue-me.

Na peugada do exército romano tinham vindo comerciantes de luxúrias e vícios para satisfazer todos os gostos. Tinham chegado chulos fenícios, que montaram os seus bordéis ambulantes na zona menos convidativa de Camaloduno. Celeiros e armazéns decrepitos tinham sido comprados ao desbarato e decorados de forma espalhafatosa, com pinturas descritivas do que se oferecia lá dentro, juntamente com os preços. Os mais ambiciosos dos chulos também vendiam álcool a preços exorbitantes àqueles que esperavam a sua vez. Isto levou a um crescimento no número de pequenas casas de bebida, todas elas rivalizando na atracção de clientela. E depois havia os charlatães e mágicos do costume, garantindo cura para todos os padecimentos, desde a sífilis à impotência, e vendedores ambulantes que dispunham de uma ilimitada variedade de artigos — espadas que nunca embotavam, amuletos que desviavam as flechas, pares de dados que ‘magicamente’ calhavam sempre no VI, bainhas protectoras feitas do mais fino revestimento de estômago de cabrito. Cato já estava familiarizado com este tipo de coisas; os distritos mais insalubres de Roma estavam apinhados de comerciantes do mesmo tipo, que ofereciam uma variedade ainda maior de prazeres carnis e remédios miraculosos.

Macro levou Cato para um edifício de madeira baixo, numa rua mal iluminada, onde um fio de desperdícios humanos corria pelo meio do caminho estreito; um desagradável risco escuro na neve remexida. Lá dentro, o ar estava pesado com o fedor de perfume barato, destinado a afastar a mente dos clientes dos odores ainda menos agradáveis que lhes atingiam as narinas. Os dois legionários entraram para uma sala sombria, com chão de ripas de madeira. Mesas e bancos estavam dispostas à toa pelo sítio, e o balcão do bar repousava sobre dois barris. O proprietário e duas das suas

raparigas estavam sentados com a enfadada expressão de quem já viu tudo, pouco ajustada à decoração da parede, que mostrava desenhos de homens e mulheres rindo, ocupados em experiências anatómicas de tremenda complexidade.

Apenas duas das mesas estavam ocupadas por alguns legionários que tinham vindo tomar uma bebida imediatamente depois de acabarem a ronda. Amontoados sobre um jarrão de vinho, usavam algumas das novas armaduras segmentadas. No canto mais afastado estava sentado um grupo de oficiais subalternos da Segunda Legião. Um deles olhou para os recém-chegados, e um largo sorriso espalhou-se instantaneamente pelo seu rosto.

— Macro, meu rapaz! — rugiu, num tom demasiado alto, que fez o trio que estava no bar olhar com irritação. — Vem cá para bebermos qualquer coisa.

Enquanto os outros se apertavam no banco, Macro fez as apresentações.

— Rapazes, este é o meu optio. Cato, este monte de gajos ensopados em vinho são a nata do corpo de oficiais da legião. Com uma luz melhor poderias até reconhecer uma ou duas caras. Apresento-te Quinto, Balbo, Cipião, Fábio e Parnésio.

Os homens olharam para cima, com os olhos turvos, e cumprimentaram com a cabeça. Era evidente que já tinham bebido muito.

— Um bom grupo de rapazes — disse Macro, sentidamente. — Cumpri serviço com eles antes de se tornarem centuriões. É a primeira vez que temos oportunidade de estar todos juntos desde que fui promovido. Um dia, se viveres tempo suficiente, estou certo de que te juntarás a nós no centuriato, não é rapazes?

À medida que os outros rugiam a sua aprovação, Cato fez o melhor que pôde para não parecer consternado perante a possibilidade, e serviu-se de uma bebida. Era mais uma variedade do carrascão importado da Gália, e Cato fez uma careta quando o líquido azedo lhe irritou a garganta ao descer.

— Pomada forte, hã? — Balbo sorriu. — Justamente o tipo de coisa que te prepara para um ajuste de contas com as miúdas.

Cato não tinha intenção de ir tão longe, se as mulheres ao balcão eram representativas da profissão. Além disso, a única mulher que tinha na mente era Lavínia, e a melhor maneira de a tirar da cabeça era, por ora, beber.

Vários copos de vinho mais tarde, os seus olhos começaram a sentir-se como se estivessem perpetuamente a andar à roda, e era pior quando os fechava. Precisava de se concentrar em algo, e o seu olhar vagueou até

ao grupo de legionários na outra mesa e às armaduras segmentadas que usavam.

Golpeou Macro com um dedo:

— Aquilo vale alguma coisa, senhor?

— Aquilo? Qual aquilo?

— Aquele conjunto que eles envergam. Em vez da cota de malha.

— Aquilo, meu rapaz, é o novo tipo de armadura com que as legiões estão a ser equipadas.

Parnésio levantou a cabeça que tinha estado apoiada nos seus braços cruzados, e gritou como se estivesse na parada:

— Armadura, segmentada, legionários que a usam! Podes crer que é isso, miúdo!

— Ignora-o — sussurrou Macro a Cato. — Ele trabalha na secção de equipamento.

— Bem me parecia.

— Oh! Vocês aí! — gritou Macro para a outra mesa. — Cheguem cá. Aqui o optio quer ver as vossas novas armaduras.

Os legionários trocaram olhares. Finalmente um deles ripostou:

— Não pode dar-nos ordens. Estamos fora de serviço.

— Estou-me a cagar para isso. Mexam daí esses cus — gritou Macro. — e JÁ!

Primeiro um, depois os outros, levantaram-se da mesa e aproximaram-se, submissos. Mantiveram-se ao lado da mesa, enquanto os oficiais examinavam o seu equipamento com alguma curiosidade.

— Como é que assenta? — perguntou Macro, levantando-se do banco para um exame mais próximo.

— Bastante bem, senhor — respondeu o primeiro a ter-se levantado do seu lugar. — Mais leve que a cota de malha. E mais resistente. É feita destas tiras sólidas.

— Parece uma merda. Como te consegues mexer dentro disso?

— É articulada, senhor. Ajusta-se aos movimentos.

— Não me digas. — Macro puxou pela armadura, e depois levantou a capa, atrás. Aperta-se com estas fivelas, estou a ver.

— Sim, senhor.

— Fácil de vestir?

— Sim, senhor.

— Cara?

— Mais barata que a cota.

— Como é que é isso do pessoal da Vigésima ser a única legião a receber este equipamento? Por combaterem muito não é com certeza.

Os oficiais riram-se por o legionário se ter irritado com a insinua-

ção. Mal conseguiu recuperar a calma o suficiente para responder:

— Não sei, senhor. Sou um mero soldado.

— Pára de lhe chamar senhor — sibilou um dos outros legionários.

— Não temos que o fazer.

— Não o consigo evitar.

— Não o faças! — disse o legionário, firmemente. — Senão que sentido tem estarmos fora de serviço?

— Tu! — Macro enfiou um dedo no peito do homem. — Vê se te calas! Falas quando te mandarem, porra, e não antes. Percebeste?

— Percebi — replicou o homem, firmemente. — Mas não obedeço a ordens.

— Ai obedeces sim, caralho! — Macro lançou o punho contra o diafragma do homem, e praguejou violentamente quando aquele colidiu com a nova armadura. Com a outra mão, bateu-lhe na cara, fazendo-o cambalear até junto dos seus camaradas. Macro rodopiou com o impulso e foi colidir com o homem em que tinha batido, no meio do riso geral.

— Muito bem, rapazes, postos não são para aqui chamados. Toca a malhar!

Todos os oficiais, menos Cato, se atiraram aos legionários que, tal como o optio, se limitavam a olhar estupefactos — até os primeiros golpes serem aplicados. Depois, recuperadas as capacidades alcoolizadas, os legionários responderam ao ataque e o bar encheu-se do ruído de mesas e bancos a partirem-se. O empregado de bar apressou as mulheres para fora da sala.

— Anda, Cato! — chamou Macro de debaixo de um legionário. — Atira-te a eles!

De passo pouco firme, Cato fez pontaria ao legionário mais próximo e investiu num soco tão forte quanto pôde. Falhou por completo, atingindo em vez disso a parede e raspando os nós dos dedos. Tentou de novo, e dessa vez a pancada acertou na parte lateral da cabeça de um homem, com uma sensação dolorosa, desagradável. Cato deu conta de um punho voando na direcção da sua cara e, pela segunda vez nessa noite, viu tudo branco. Com um grunhido colocou-se de joelhos, e tentou recompôr-se, abanando a cabeça. Quando a visão lhe voltou, viu um legionário de pé, diante dele, com um banco erguido acima da cabeça. Instintivamente atirou a cabeça com força para a frente, acertando entre as pernas do homem. O legionário dobrou-se devido ao impacto e deixou-se cair para o lado com um uivo de dor, as duas mãos colocadas entre as pernas.

— Bem jogado, rapaz! — rugiu Macro.

A pancada na cabeça e o excesso de vinho consumido fizeram a cabeça de Cato andar à roda de uma forma horrível. Tentou pôr-se de pé

e não conseguiu, mas, através dos gritos e do som de mobília a partir-se, conseguiu distinguir, à distância, o som de pés a marchar.

— Prebostes! — alguém gritou. — Fugam daqui!

A rixa cessou abruptamente e deu-se uma competição louca para chegar até às traseiras do bar. A porta principal abriu-se e apareceu uma esquadra de soldados de capa negra. Cato foi posto em pé por Macro e atirado, literalmente, na direcção da pequena porta das traseiras que os outros zaragateiros já transpunham. Num turbilhão de imagens, Cato viu-se na rua, correndo desajeitadamente atrás de Macro. O centurião separou-se do grupo principal e meteu-se por uma ruela estreita. Os sons da perseguição já tinham diminuído quando Cato se apercebeu de que se perdera de Macro. Parou e encostou-se a uma parede de madeira, para ganhar fôlego. O mundo à sua volta rodopiava doentivamente e ele desesperava por vomitar, mas nada mais havia dentro de si que bÍlis a subir-lhe à garganta.

— Macro! — chamou. — Macro!

Uma voz gritou na vizinhança, e o som de armaduras a baterem tornou a crescer.

— Merda! Que é que eu fiz?

Uma mão agarrou-o pelo braço e puxou-o para um lado, através de uma porta, para a escuridão de um edifício. Algo lhe bateu com força no estômago e Cato caiu de joelhos, arquejando. Lá fora ouviram-se passos na neve, mas depois o som foi morrendo.

— Desculpa lá isso -- disse Macro, ajudando Cato a levantar-se. — Precisava de te calar por um momento. Não era para aleijar. Estás bem?

— Nã... não! — ofegou Cato. — Sinto-me mal!

— Deixa isso para depois. Temos coisas melhores para fazer. Chega aqui.

Cato foi empurrado por uma porta que dava para um pequeno quarto iluminado por uma única candeia. Duas mulheres estavam sentadas num par de camas com ar andrajoso, e sorriram mal Macro apareceu na porta.

— Cato, estas são a Broann e a Deneb. Diz olá às raparigas.

— Olá, raparigas — resmungou Cato. — Quem são elas?

— Não sei bem. Acabei de as conhecer. E como se vê, estão livres de momento. A Broann é minha. Ficas com a Deneb. Diverte-te.

Macro foi ter com a Broann, que sorria com entusiasmo treinado, um efeito que era de algum modo estragado pela falta de dentes da frente. Piscando o olho a Cato, Macro retirou-se com ela para trás de uma cortina esfarrapada.

O optio virou-se para encarar a Deneb e viu uma mulher com a cara tão maquilhada que a sua idade era impossível de determinar. Um

quantas rugas nos cantos da boca sugeriam uma maturidade que apontava para o dobro dos anos de vida do seu cliente. Ela sorriu e agarrou-lhe as mãos, puxando-o até à cama. Quando Cato se ajoelhou entre as suas pernas, Deneb levou a mão ao seu vestido folgado e abriu-o ao longo do corpo, revelando um grande par de seios com mamilos castanhos-escuros e uma rala e dura escova de pêlos púbicos. Cato olhou-a de cima a baixo por um momento. Ela fez-lhe sinal com a mão para que se aproximasse. À medida que se acercava dos seus lábios pintados de cor púrpura, o vinho finalmente levou a melhor e ele tombou para a frente, inconsciente.



#### IV

O general Pláucio parecia velho e cansado, reflectia Vespasiano, enquanto via o seu comandante aplicar o sinete do anel numa série de documentos que um escrivão do quartel-general lhe ia passando. O cheiro intenso do lacre queimado fazia-lhe impressão no nariz, e Vespasiano recostou-se na cadeira. Era típico do exército romano que ele e Pláucio se reunissem a esta hora tardia numa noite escura de Inverno. Outros exércitos podiam passar o Inverno a amolecer nos seus boletos, mas os homens de Roma mantinham-se em forma com exercícios regulares, e os seus oficiais preparavam minuciosamente a renovação das operações na Primavera.

A campanha anterior tinha acabado razoavelmente bem. As legiões de Pláucio tinham desembarcado numa costa hostil, e caminhado através das terras dos câncios, combatendo constantemente; tinham atravessado o Mead Way e o Tamisa, antes de terem tomado Camaloduno, a capital da tribo dos catuvelaunos, que lideravam a confederação contra Roma. Apesar dos consideráveis talentos do comandante inimigo, Carátaco, as legiões tinham esmagado as forças britânicas em duas batalhas amargamente disputadas. Infelizmente, Carátaco não caíra em seu poder, e, naquele preciso momento também o chefe britânico fazia os seus preparativos para continuar a opôr-se à tentativa de adicionar a Britânia ao vasto império de Roma.

A despeito das rigorosas condições do Inverno setentrional, Pláucio manteve a sua cavalaria activa, enviando-a em longas missões pelo coração da ilha, com ordens explícitas para se limitar a observar o inimigo e evitar o confronto. No entanto, algumas patrulhas tinham caído em emboscadas, das quais chegava notícia através de alguns sobreviventes assustados. Outras patrulhas desapareceram totalmente. Tais perdas eram um problema grave para um exército com uma cavalaria já de si deficitária, mas a necessidade de informações sobre Carátaco e as suas forças era

premente. Tanto quanto o general Pláucio e o seu estado-maior puderam descobrir, Carátaco tinha retirado para montante no vale do Tamisa com o que restava do seu exército. Nessa região, o rei dos catuvelaunos tinha estabelecido um pequeno número de bases avançadas, de onde destacamentos de quadrigas e cavalaria ligeira realizavam ataques súbitos ao território ocupado pelos romanos. Várias colunas de abastecimento tinham sido interceptadas e a comida e equipamento levadas, ficando apenas no terreno restos de carroças queimadas e os corpos chacinados dos soldados que as escoltavam. Os bretões tinham mesmo conseguido saquear um forte que vigiava a passagem do Mead Way, e queimado a ponte de barcas aí instalada.

Estes ataques ocasionais tinham um impacto mínimo na capacidade de luta das legiões na próxima campanha, mas levantavam o moral dos bretões, o que era uma preocupação para o quartel-general. Muitas das tribos que no Outono passado se tinham rapidamente disponibilizado para estabelecerem pactos com Roma, mostravam-se agora mais distantes. Um grande número dos seus guerreiros tinha-se juntado a Carátaco, repugnados com a alacridade com que os seus chefes se tinham inclinado perante Roma. A Primavera testemunharia Pláucio e as suas legiões enfrentando um exército britânico renovado.

O ano que passara muito tinha ensinado a Carátaco sobre os pontos fortes e fracos das forças romanas. Vira a firmeza férrea das legiões, por isso não tornaria a lançar os seus bravos guerreiros contra uma parede de escudos que não podiam quebrar. A táctica de ataque e fuga que tinha passado a empregar era uma preocupante indicação da forma que tomaria o conflito no futuro. As legiões podiam ser as senhoras do campo de batalha, mas a sua lentidão facilmente permitiria às forças bretãs passarem em torno e por entre elas e levar a destruição às suas linhas de abastecimento. Os bretões não voltariam a ser tão estúpidos a ponto de fazerem frente às legiões. Em vez disso evitariam as investidas directas e flagelariam o flanco e a retaguarda das forças romanas.

Vespasiano interrogava-se se haveria forma das legiões lidarem com tais tácticas. Localizar com precisão e destruir Carátaco e os seus homens seria como tentar afundar uma rolha com um martelo. Sorriu amargamente perante a analogia; a comparação era, infelizmente, demasiado boa.

— Pronto! — O general Pláucio fez pressão com o anel sobre o último documento. O escrivão tirou-o rapidamente de cima da mesa e pô-lo debaixo do braço, junto dos outros.

— Apronta-os para serem imediatamente despachados. O mensageiro embarca no primeiro navio que partir pela manhã.

— Sim, senhor. É tudo por hoje, senhor?

— Sim. Logo que os despachos estiverem prontos, poderás mandar os teus escrivães de volta às casernas.

— Agradeço-lhe, senhor. — O escrivão saudou e apressou-se a sair antes que o general mudasse de ideias. A porta fechou-se e Pláucio e o comandante da Segunda Legião ficaram sozinhos no escritório.

— Vinho? — ofereceu Pláucio.

— Seria bem-vindo, senhor.

O general Pláucio levantou-se rigidamente da sua cadeira e esticou os braços ao dirigir-se ao jarro de bronze que estava num suporte, sobre a chama delicada de uma candeia a óleo. Ténues vapores volutearam, vindos do jarro, quando Pláucio lhe pegou e deitou generosas porções em duas taças de prata. Voltou para a secretária e poisou-as, sorrindo com satisfação enquanto agarrava com as mãos a sua taça quente.

— Acho que nunca poderia vir a gostar desta ilha, Vespasiano. Húmida e pantanosa a maior parte do ano, Verões curtos e Invernos frios. Não é clima para homens civilizados. Por muito que goste da carreira militar, preferia estar em casa.

Vespasiano sorriu, e assentiu com a cabeça.

— Não há lugar como ela, senhor.

— Estou determinado a fazer desta a minha última campanha — continuou o general num tom mais sombrio. — Estou a ficar velho para esta vida. É tempo de dar lugar a uma nova geração de generais. Quero apenas voltar para a minha herdade perto de Pompeia e passar o resto dos meus dias saboreando a vista sobre a baía de Capri.

Vespasiano duvidava que o Imperador Cláudio concordasse em dispensar os serviços de um general tão experiente, mas manteve-se em silêncio para que Pláucio pudesse desfrutar do seu devaneio.

— Parece um lugar tranquilo, senhor.

— Tranquilo? — O general franziu as sobrancelhas. — Já nem tenho a certeza se ainda sei o que a palavra quer dizer. Passei demasiado tempo no campo de batalha. Para ser honesto, já nem estou certo se aguentaria reformar-me. Talvez seja só deste lugar. Estou aqui apenas há alguns meses e já nem o posso ver. E o raio do Carátaco só me cria dificuldades a cada passo que dou. A sério que pensei que o tivéssemos vencido definitivamente na última batalha.

Vespasiano assentiu com a cabeça. Todos o tinham pensado. Apesar da batalha quase ter estado perdida, graças às táticas patetas do Imperador, as legiões tinham por fim conseguido dominar e esmagar os guerreiros nativos. Carátaco, e o que restava das suas melhores tropas, abandonara o campo de batalha. Numa situação normal, os bárbaros teriam aceitado a derrota, e implorado a paz a Roma. Mas não estes malditos

bretões. A eles parecia-lhes muito melhor continuarem a lutar e a serem chacinados, e a ficarem com as suas terras arruinadas, do que serem pragmáticos e chegarem a acordo com Roma. Os mais hostis de todos eram os druidas.

Alguns deles tinham sido capturados após a última batalha e estavam agora presos num aljube especial, sob forte vigilância. Vespasiano estremeceu de repulsa ao lembrar a sua visita aos druidas. Eram cinco, envergando mantos escuros e usando amuletos de cabelo entrançado nos pulsos. O cabelo deles estava atado atrás e endurecido com visco; o seu cheiro nauseabundo agrediu as narinas do legado, enquanto os olhava curioso do outro lado das grades de madeira. Todos tinham um crescente negro tatuado na testa. Um dos druidas distinguia-se dos outros, um homem alto e magro, chupado de cara, e com uma longa barba branca. Impressionantes eram as suas sobrancelhas, uma massa de espessos pêlos pretos, sob as quais uns olhos negros reluziam em profundas cavidades. Nada disse na presença de Vespasiano, manteve-se apenas de pé, olhando ameaçadoramente para o romano, de braços cruzados e de pés firmados e ligeiramente afastados. Durante algum tempo Vespasiano limitou-se a observar os outros druidas conversando em tom baixo e sombrio, até que o seu olhar se voltou a desviar para o líder, que não deixara de o fitar. Os finos lábios do druida abriram-se num sorriso largo que mostrava os dentes amarelos e aguçados, que pareciam ter sido limados. Um riso seco e áspero fez calar os seus seguidores, que se viraram para Vespasiano. Um a um, juntaram-se à zombaria. Vespasiano aguentou-a um bocado, e depois, irritado, voltou-lhes costas e afastou-se do recinto.

Estes bretões eram crianças patetas, decidiu Vespasiano, lembrando o comportamento dos líderes das tribos que tinham comparecido perante Cláudio para demonstrar a sua lealdade após a derrota de Carátaco. Arrogantes e estúpidos, e demasiado caprichosos e vaidosos. O vazio das suas palavras de amizade começava já a tornar-se óbvio, e muito mais sangue, deles e das legiões, seria derramado antes da ilha ser conquistada.

Que desperdício. Como sempre, o maior sofrimento caberia aos nativos que ocupavam os mais baixos patamares daquela sociedade bárbara. Vespasiano duvidava que eles ficassem muito preocupados se a classe de guerreiros que os liderava desaparecesse e fosse substituída por Roma. Tudo o que desejavam era colheitas decentes para aguentarem o próximo Inverno. Era esse o limite da sua ambição, e enquanto os seus suseranos resistiam a Roma, a sua precária existência seria desgastada pelas marés da guerra que iam varrendo a terra. Proveniente de uma família que só recentemente ascendera à aristocracia, Vespasiano era sensível à realidade

daqueles que viviam longe da vista dos ricos e poderosos, e tinha pronta simpatia para com a sua situação. Não que isso o ajudasse no que quer que fosse; via-o como mais uma prova da sua inaptidão para a posição social que possuía. Invejava discretamente a automática afectação de superioridade tão evidente na atitude e comportamento daqueles que descendiam de famílias ancestrais da aristocracia.

Todavia, fora dessas mesmas qualidades que quase resultara a destruição de Cláudio e do seu exército. Em vez de ter tido em conta a perícia com que Carátaco resistira a Roma até à data, o Imperador tinha encarado o comandante britânico como se este não passasse de um selvagem, com os mais rudimentares conhecimentos de táctica, e nenhuns de estratégia. Tal deplorável avaliação do inimigo quase se verificara fatal. Se Carátaco tivesse estado no comando de um exército mais disciplinado, um Imperador diferente estaria agora a governar em Roma. Talvez o mundo fosse melhor sem estes aristocratas perpetuamente envaidecidos, considerou Vespasiano, mas rapidamente percebeu que tal ideia não passava de um sonho, e pô-la de parte.

Tendo percebido o erro que era lançar um exército mal treinado contra as disciplinadas colunas das legiões, Carátaco reorganizara as suas forças em pequenas colunas ágeis, com ordens estritas para conseguir pequenas vitórias, com tão poucos custos quanto possível. Talvez assim Roma se convencesse de que os bretões davam demasiado trabalho, e desistisse da ilha. Mas Carátaco não contara com a tenacidade das legiões. Não importava quanto tempo levasse, não importava quantas vidas custasse, a Britânia haveria de ser adicionada ao império — pois assim o ordenara o Imperador. Era essa a simples verdade das coisas. Enquanto Cláudio fosse vivo.

Pláucio voltou a encher a sua taça e ficou a olhar para o vinho condimentado.

— Temos que tratar do Carátaco. A questão é: como? Ele não quererá arriscar-se noutra batalha campal, independentemente de quantos homens mais tenha recrutado. E nós não podemos dar-nos ao luxo de o evitar e avançarmos mais para o coração da ilha. Chacinar-nos-ia antes do fim da próxima campanha. Carátaco tem que ser eliminado antes da província poder ser pacificada. É esse o nosso objectivo imediato.

Pláucio olhou para cima e Vespasiano assentiu com um nuto.

O general esticou-se para um dos lados da secretária para alcançar um grande rolo de velino e, com cuidado, desenrolou o mapa até ficar aberto entre ele e o legado. Grande parte das notas a tinta preta estavam bem nítidas, já que tinham sido adicionadas ao longo do Inverno, à medida que as patrulhas de cavalaria forneciam mais e mais informação sobre a confi-

guração do terreno. Vespasiano estava impressionado com os detalhes do mapa, e disse-o.

— Está bom, não está? — respondeu o general, com um sorriso de satisfação. — Estão a ser preparadas cópias para si e para os outros legados. E espero que comunique de imediato ao meu quartel-general se encontrar mais alguma coisa que mereça ser anotada.

— Sim, senhor — disse Vespasiano, antes de compreender todas as implicações da ordem que recebera. — Segundo entendi, a Segunda irá operar independentemente do resto do exército assim que atravessarmos de novo o Tamisa?

— Claro. Por isso destacar-vos-ei logo que possível. Quero-o a si e à sua legião prontos para marcharem contra Carátaco assim que começar a época de campanha.

— Quais são as ordens?

O general Pláucio sorriu outra vez.

— Pensei que apreciaria uma oportunidade para me mostrar do que você e os seus homens são capazes. Muito bem, é bom ver que lhe apraz. — Apontou um dedo para sul do estuário do Tamisa. — Caleva. Eis onde se estabelecerão até à Primavera. Já coloquei sob o seu comando parte da armada do canal. Juntar-se-ão a vocês assim que o Verão começar. Servir-vos-ão para obterem abastecimentos durante a campanha, e para manter o rio livre de inimigos. E enquanto você bloqueia o acesso à parte sul da ilha, eu vou forçar o Carátaco a abandonar o vale do Tamisa, em direcção ao norte. Pelo fim do ano já devemos ter empurrado a frente até uma linha que irá da costa oeste aos pantanais dos icenos.

— Para esse fim utilizarei a Décima Quarta, a Nona e a Vigésima Legiões, avançando pelo norte do vale do Tamisa. A maior parte dos ataques súbitos das colunas nativas vêm dessa direcção. Entretanto, a Segunda Legião atravessará de novo o rio e avançará pela margem sul. Deverá fortificar quaisquer pontes ou vaus por que passar. Isso significará entrar no território dos durotriges, mas teríamos que os enfrentar mais cedo ou mais tarde. Os relatórios dizem que eles possuem algumas fortificações em cumes de montes, alguns dos quais terão de ser tomados, e rapidamente. Acha que consegue dar conta disso?

Vespasiano considerou a situação.

— Não deve ser um grande problema, desde que tenha artilharia suficiente. Mais do que a que tenho agora.

Pláucio sorriu.

— É o que todos os meus legados dizem.

— Talvez, senhor. Mas se quer que eu tome esses fortes, e guarde os locais de travessia do Tamisa, então precisarei de artilharia.

Pláucio assentiu.

— Muito bem. Tomo nota do seu pedido. Verei o que se pode fazer. Vamos lá voltar ao plano. O objectivo é cercar Carátaco pouco a pouco, e obrigá-lo a dar batalha, ou a continuar em retirada, para longe das nossas linhas de abastecimento, e do território que já ocupámos. Acabará por não ter para onde fugir e será forçado a lutar connosco, ou a render-se. Alguma pergunta?

Vespasiano olhou para o mapa, projectando sobre ele os movimentos que o general tinha acabado de descrever. O plano parecia correcto em termos estratégicos, se bem que ambicioso, mas a perspectiva de dividir o exército era preocupante, especialmente por não haver nenhuma informação precisa sobre o tamanho do novo exército de Carátaco. Nada garantia que o líder britânico não optasse por operações mais convencionais para enfrentar uma legião isolada. Se a questão era evitar que Carátaco se escapulisse para o sul do Tamisa, teria de haver uma força preparada para lhe negar a travessia em todos os pontos em que tal era possível, e esse papel tinha calhado à Segunda. Vespasiano olhou para cima.

— Porquê nós, senhor? Porquê a Segunda?

O general Pláucio fitou-o por um momento antes de responder.

— Não tenho de lhe dar justificações, Legado. Apenas ordens.

— Sim, senhor.

— Mas preferiria que eu o fizesse.

Vespasiano não disse nada, desejando deixar a impressão correcta do soldado imperturbável, embora ardesse de curiosidade. Encolheu os ombros.

— Estou a ver. Muito bem, Legado, as ordens serão entregues por escrito no seu quartel-general amanhã de manhã. Suponho que queira partir cedo, se o tempo estiver bom.

— Sim, senhor.

— Ainda bem. Agora, acabemos o vinho. — Pláucio encheu ambas as taças e levantou a sua num brinde. — Que a campanha termine rapidamente, e que gozemos uma bem merecida licença em Roma!

Beberam um gole de vinho tépido. Pláucio sorriu ao seu subordinado.

— Imagino que lhe agrade a ideia de voltar para a sua esposa.

— Mal posso esperar — replicou Vespasiano calmamente, ciente da comoção que qualquer menção à sua esposa lhe causava. Tentou desviar a atenção do general. — Calculo que também deseje regressar ao convívio com a sua família.

— Ah! Aí estou em vantagem. — Os olhos de Pláucio brilharam maliciosamente.

— Senhor?  
— Não necessito de voltar a Roma para os ver. Eles vieram ter comigo. Na verdade, devem estar a chegar, mais dia, menos dia...



V

O gelo cobria o solo quando a Segunda Legião se pôs em marcha através dos portões do vasto aquartelamento. O mar de lama que se tinha formado para lá dos baluartes de turfa durante os meses húmidos do princípio do Inverno tinha gelado até ficar com a consistência de uma rocha, e estava agora coberto por um denso manto de neve que se compactava sob os pés dos legionários. Os tocos das árvores cortadas reluziam sob a sua capa de gelo brilhante, e marcavam o caminho para oeste, até ao distante Tamisa. Acima do horizonte claramente definido por trás da legião, o sol brilhava num céu de intenso azul, como só um dia límpido de Inverno pode produzir.

O ar estava tão frio que só o facto de respirar fundo fazia alguns dos homens tossir à medida que caminhavam carregados de equipamento. Sob as suas botas ferradas, a neve era triturada e o gelo quebrado. Os menos seguros dos seus passos, na retaguarda da coluna, escorregavam e lutavam para manterem o equilíbrio enquanto seguiam a densa massa da legião. Na frente, batedores a cavalo destacavam-se e percorriam a trote a paisagem branca que se abria à frente da legião, deixando pequenos jorros de neve cintilante atrás de si. Os cavalos, revigorados pelo ar cortante e pela oportunidade de praticar algum exercício, mordiam o freio, espevitados. As pequenas nuvens provenientes da respiração dissipavam-se ao longo de toda a coluna de homens e bestas, enquanto seguiam as sombras oblíquas à sua frente, bem nítidas sobre a neve.

Cato sentia uma alegria difícil de expressar por estar vivo num momento assim. Depois dos longos meses enclausurado no vasto acampamento com as outras legiões, apenas com as curtas rondas, os enfadonhos exercícios e treinos com armas para contrariar o tédio da rotina diária, a marcha de hoje era uma libertação. Os seus olhos percorreram a paisagem, bebendo da beleza perfeita do campo britânico em finais de Inverno. Bem envolto na capa, e com as luvas de lã calçadas, depressa o aqueceu o passo

firme da marcha. Até mesmo os seus pés, que lhe tinham doído horrivelmente quando a legião se reunira à primeira luz da manhã, se sentiram confortáveis, após a primeira milha percorrida. A sua boa disposição era apenas ligeiramente temperada pela expressão carrancuda no rosto do seu centurião, que marchava a seu lado, à frente da Sexta Centúria da Quarta Coorte. Macro sentia já a falta das casas de bebida e da vida regalada de Camaloduno.

O sentimento era mútuo. De uma só vez, partiam cerca de um quarto dos clientes habituais desses estabelecimentos. Os empresários que tinham invadido a cidade vindos dos portos da Gália depressa regressariam ao continente, assim que o resto do exército começasse os seus preparativos para reiniciar a guerra contra Carátaco e os seus aliados. A depressão de Macro não era totalmente provocada pela negação dos prazeres oferecidos pelos fornecedores de bebidas e mulheres. Partia, e as coisas com Boudica não tinham ficado bem.

A seguir à noite em que Boudica e Nessa tinham fugido de Prasutago, os parentes das raparigas tinham resolvido evitar mais saídas delas com soldados romanos. Apenas uma vez se tinham voltado a encontrar, e muito brevemente. Um abraço rápido nas traseiras de um estábulo, com pôneis e gado olhando-os curiosos, mastigando as suas rações de Inverno. Macro tentara tirar o máximo partido da ocasião — demasiado até para o gosto da jovem icena. Quando lhe sentiu os dedos demasiado íntimos para o seu gosto, esquivou-se ao seu abraço apaixonado, afastou-se para trás, sobre a palha, e deu-lhe uma bofetada.

— Para que é que fizeste essa merda? — perguntou Macro, alarmado.

— Que tipo de rapariga pensas tu que eu sou? — redarguiu ela.  
— Não sou nenhuma prostituta barata!

— Nunca disse que o eras. Estava só a aproveitar bem a situação. Pensei que estivesse a fim disso.

— A fim disso? Que tipo de convite é esse?

Macro encolheu os ombros.

— O melhor que se pôde arranjar.

— Estou a ver. — Boudica olhou-o ameaçadoramente durante um momento, e Macro afastou-se dela, amuado e mal disposto. Ela teve pena, aproximou-se e acariciou-lhe a face. — Desculpa, Macro. Não me apetece fazer nada com todos estes animais a olharem. Demasiado público para o meu gosto. Não que eu não queira, mas tinha planeado algo um pouco mais romântico.

— Porque raio é que um estábulo não há-de ser romântico? — queixou-se Macro.

E foi aí que as coisas arrefeceram subitamente. Sem uma palavra, Boudica arranhou rapidamente a túnica e a capa, voltando a esconder os seios. Lançando um último olhar zangado a Macro, pôs-se de pé e saiu decidida do estábulo. Ele tinha ficado furioso por ter sido abandonado daquela maneira, e recusara-se, por uma questão de princípios, a ir atrás dela. Agora arrependia-se amargamente. Antes de Camaloduno desaparecer de vista, ao passarem para o lado mais distante de uma serrania baixa, Macro olhou para trás, pesarosamente. Ela estava ali, algures entre os telhados de colmo cobertos de neve que jaziam sob a longa e baixa nuvem de fumo. Ele tinha desenvolvido sentimentos tão profundos por aquela ferosa nativa, que o seu sangue ardia de desejo à mínima lembrança da proximidade física com ela. Amaldiçoou-se por ser um idiota romântico, e desviou o olhar da cidade, passando-o pelos elmos da sua centúria, até chegar ao optio.

— Estás-te a rir de quê?

— A rir-me, senhor? Não me estou a rir.



Nas fileiras da Segunda Legião havia farta especulação sobre a missão que os esperava. Alguns homens até se questionavam se a legião estava a ser retirada da ilha, agora que Carátaco tinha sido completamente derrotado. Os legionários mais experientes grunhiam o seu desprezo contra tais rumores; os rápidos e inesperados ataques que os bretões faziam às forças romanas desde o Outono, provavam que os nativos não tinham ainda sido vencidos. Os veteranos conheciam bem a natureza da campanha que tinham pela frente: um exaustivo e perigoso período de avanço e consolidação contra um inimigo astuto, que conhecia o terreno intimamente e que apenas emergiria do seu esconderijo para lutar quando a vantagem fosse totalmente sua. A ameaça de um ataque nunca os abandonaria. Muito provavelmente, os legionários destinados a morrer durante a campanha nunca haveriam de ouvir a flecha que os mataria, nunca haveriam de ver o dardo a ser lançado, ou o punhal espetado nas costas ao fazerem uma simples patrulha em redor de um acampamento. O inimigo mais não seria que uma sombra vigiando as ponderosas legiões, raramente visto, mas sempre sentido. Este tipo de guerra era bem mais difícil que uma dura marcha e uma batalha desesperante. Requeria uma tenacidade que apenas as legiões poderiam proporcionar. A perspectiva de vários anos de campanha a percorrer a brumosa vastidão da Britânia azedava as mentes dos veteranos, à medida que a Segunda Legião marchava em direcção à sua nova base de operações.

O amargo tempo do mês de Março não abrandou durante dois dias,

mas ao menos o céu permaneceu limpo. Ao fim de cada dia, Vespasiano insistia que se construísse um ‘acampamento de marcha em face do inimigo’, que implicava a escavação de um fosso externo de três metros e meio de profundidade e a construção de um baluarte de terra com três metros, para proteger a legião e o comboio das bagagens. No final do dia de marcha, os exaustos legionários tinham que trabalhar duramente pela noite fora para quebrar o solo gelado com as ferramentas para abrir trincheiras. Somente quando as fortificações estivessem terminadas é que os homens, enfiados nas suas capas, poderiam fazer fila para receberem a sua fumegante ração de papa de cevada e porco salgado. Mais tarde, de barrigas já cheias e membros aquecidos no calor das fogueiras do acampamento, os homens arrastavam-se para o interior das suas tendas de pele de cabra e enroscavam-se debaixo de todos os cobertores que possuíam. Voltavam a emergir com a luz azul-pálida da madrugada para enfrentar um mundo coberto de gelo, que reluzia ao longo das dobras das tendas e das cordas que as firmavam. Os homens encolhiam-se para se protegerem das cruas manhãs de Inverno antes dos oficiais os despertarem para a vida com ordens para desmontarem as tendas e se prepararem para o dia de marcha.

No terceiro dia, o tempo instável da ilha tornou-se mais ameno e o denso manto branco de neve começou lentamente a afrouxar o seu jugo sobre a paisagem. Enquanto os legionários davam as boas-vindas ao calor do sol, a fusão da neve depressa transformou o caminho num lamaçal glutinoso, que sugava as rodas das carroças e as botas da infantaria. Foi com algum alívio que, no quarto dia, desceram a pequena ladeira que dava para o vale do Tamisa e avistaram imediatamente os baluartes da enorme base militar construída no Verão anterior, quando as legiões tinham realizado a primeira travessia do grande rio. A base estava agora guarnecida por quatro coortes de auxiliares batavos. A infantaria dos batavos fora ali deixada enquanto os esquadrões de cavalaria patrulhavam o vale, procurando e perseguindo qualquer dos grupos de ataque de Carátaco que encontrassem. No interior da base, as provisões tinham-se acumulado ao longo de todo o Inverno, já que os navios provenientes da Gália continuavam a atravessar o canal até Rutúpias sempre que o tempo o permitia. Dali, as barças subiam o estuário do Tamisa, transportando as provisões até à base que ladeava o rio. A última parte da linha de abastecimento era constituída por pequenas colunas de carroças, que faziam o seu percurso sob forte vigilância até aos postos avançados, guarnecidos por pequenos destacamentos de tropas auxiliares.

Esta linha de defesa tinha sido organizada pelo general Pláucio, para manter Carátaco à distância. Uma vã tentativa, que saíra furada. Pequenos corpos de tropas inimigas penetravam regularmente nas linhas romanas,

a coberto da noite, para atacarem as caravanas de abastecimento e para se vingarem das tribos que tinham passado para o lado do invasor. De vez em quando dava-se um ataque mais ousado, e eram chacinadas as diminutas guarnições de uma série de postos avançados. Quase não passava um dia sem que uma mancha de fumo distante no céu limpo de Inverno indicasse mais um ataque a uma coluna de abastecimento, a uma aldeia nativa ou a um posto avançado romano. Os comandantes das coortes auxiliares, encarregados de defenderem a área, nada mais podiam fazer do que contemplar com desespero a evidência do falhanço do plano para conter Carátaco e dos seus homens. Antes da Primavera chegar, e do tempo melhorar, o ponderoso peso das legiões romanas não poderia ser de novo lançado contra os bretões.

A chegada da Segunda Legião ao acampamento no Tamisa proporcionou-lhes apenas uma breve pausa no trabalho diário de construção de um acampamento provisório. No dia seguinte, o legado ordenou que atravessassem a ponte para a margem sul. Só nessa altura é que as mentes com maiores capacidades estratégicas nas fileiras se começaram a aperceber do papel da legião na campanha que se avizinhava. Uma vez na margem sul, a legião virou para oeste e avançou rio acima durante mais dois dias, por um caminho que os engenheiros tinham grosseiramente preparado com uma mistura de troncos de árvores e ramos. O caminho, depois, virou para sul, e no princípio da tarde do terceiro dia a legião encontrou-se no sopé abrigado de um longo monte. Seria a partir dali que a Segunda Legião iniciaria o seu ataque ao território dos durotriges, assim que a época de campanha começasse.

Enquanto a caravana com a bagagem e as carroças com a artilharia eram duramente manobradas pela ladeira enlameada acima, o corpo principal da legião marchava até ao extenso cume do monte. Foram dadas ordens para que descarregassem os fardos e comesçassem a entrincheirar. Enquanto os homens da Sexta Centúria começavam a trabalhar na sua secção do fosso defensivo, o centurião Macro olhou para sul.

— Ó Cato! Aquilo ali não é uma cidade ou coisa parecida?

O optio foi ter com ele e olhou para onde o outro apontava. A algumas milhas de distância uns fios finos de fumo subiam em redemoinho, quase invisíveis contra a densa escuridão do anoitecer de Inverno que se aproximava. Podia ser uma ilusão de óptica, mas Cato pensou que via as linhas ténues de uma povoação nativa de alguma dimensão.

— Julgo que seja Caleva, senhor.

— Caleva? Sabes alguma coisa sobre a cidade?

— Estive a falar com um mercador em Camaloduno, senhor, que tem uma entreposto na costa. Fornece vinho e cerâmica aos Atrébates.

Estamos no território deles, e Caleva é a capital da tribo. E a única povoação que se veja, segundo o mercador.

— E o que é que ele estava a fazer em Camaloduno?

— Estava a ver se expandia o negócio. Tal como os outros como ele.

— Disse-te alguma coisa útil ali sobre os nossos amigos?

— Útil, senhor?

— Se são leais, como é que são numa luta. Esse tipo de coisa útil.

— Ah, estou a ver. Só disse que os atrébatas são amigáveis para com ele e os outros mercadores. E agora que o general voltou a colocar o rei Vérica no trono, devem ser leais a Roma.

Macro fungou.

— Esse dia ainda está para vir.



## VI

O dia seguinte foi passado na construção das fortificações do acampamento principal da legião, e na instalação de uma série de postos avançados a norte, sobranceiros ao Tamisa, e a oeste, para prevenir incursões por parte dos durotriges. Na manhã a seguir à sua chegada, um grupo de cavaleiros aproximou-se do acampamento, vindo da direcção de Caleva. A coorte de serviço foi imediatamente mandada para as muralhas, e a notícia foi levada ao legado. Vespasiano apressou-se até à torre de vigia e, arquejando fortemente por causa da subida apressada, olhou para a colina. A pequena coluna de cavaleiros trotava com indiferença em direcção ao portão, e na sua vanguarda esvoaçava um par de estandartes, um com uma serpente britânica, o outro com a insígnia de um vexilo romano destacado da Vigésima Legião.

O ranger da escada anunciou a chegada do tribuno superior da legião. Gaio Plínio tinha sido recentemente destacado para essa posição, substituindo Lúcio Vitélio, que seguia agora a caminho de Roma e de uma brilhante carreira como um dos favoritos do Imperador.

— Quem é, senhor?

— Vérica, imagino.

— E os nossos?

— A sua guarda pessoal. O general Pláucio enviou uma coorte da Vigésima para apoiar a causa de Vérica, quando ele reclamou o trono. — Vespasiano sorriu. — No caso dos atrébatas decidirem que ficariam mais felizes sem o seu novo senhor. É melhor ir ver o que eles querem.

O tosco portão de madeira abriu-se para dentro para que os cavaleiros entrassem. Sobre o solo lamacento, num dos lados do caminho, uma centúria apressadamente reunida formava para receber os hóspedes. À frente da coluna montava um homem alto com o cabelo cinzento caindo solto. Vérica tinha sido um homem imponente na sua juventude, mas a idade e os anos de desgaste no exílio tinham-no reduzido a uma figura frágil e

arqueada, que desmontou com lassidão do seu cavalo para cumprimentar Vespasiano.

— Bem-vindo, Majestade! — saudou Vespasiano, e, após uma breve hesitação, Plínio seguiu o exemplo do legado, engolindo a sua aversão por tal deferência para com um mero nativo, embora rei do seu povo. Vérica caminhou rigidamente até ao legado e apertou o antebraço que lhe foi estendido.

— Saudações, Legado! Espero que o Inverno tenha sido gentil para si e para os seus homens.

— Ainda não deu cabo de nós. — Vespasiano acenou com a cabeça para a lama escorregadia que havia por todo o lado.

— Nem queríamos que fosse doutro modo! — sorriu Vérica, contente com a piada. Depois virou-se para os cavaleiros, cujas bestas excitadas se mostravam impacientes e resfolegavam perante o ambiente pouco familiar. — Centurião! Podes ordenar aos homens que desmontem. Depois, por favor, junta-te a nós!

Ao lado do porta-estandarte que segurava o vexilo, um oficial romano saudou e rapidamente deu a ordem.

Vespasiano virou-se para o seu tribuno superior:

— Plínio, vê se lhes arranjas algo que os aqueça.

— Sim, senhor.

— Agradeço-lhe, Legado. — Vérica sorriu. — Também gostaria de uma bebida. Julgo que me lembro de ter tido uma certa empatia por um vinho de Falerno que você tinha da última vez que estivemos juntos.

— Com certeza, Majestade. Ainda tenho um pouco. — Vespasiano obrigou-se a sorrir. Já só existia uma escassa quantidade desta colheita superior nos seus armazéns privados, e chateava-o ter de partilhá-lo. Mas as ordens do general Pláucio tinham sido explícitas: todos os esforços deveriam ser feitos para que se mantivessem as boas relações com os aliados que Roma tinha feito entre as tribos desta ilha. O sucesso ou fracasso da invasão estava na corda-bamba, já que Roma mostrava grande parcimónia na atribuição de tropas para o desempenho dessa tarefa. Pláucio não se atreveria a avançar sem ter a certeza que os seus flancos estavam protegidos por tribos leais a Roma. Por isso, cada homem do seu exército, independentemente do posto que possuía, teria que se comportar com a maior cortesia na presença das tribos aliadas a Roma, ou sofrer a ira do general. O que incluía fornecer vinho de Falerno àqueles que viam a bebida puramente pela sua capacidade inebriadora.

— Presumo que já conheça o centurião Públio Pólio Albino. — Vérica apontou para o oficial que se dirigia a passos largos para eles. O cen-

turião atirou uma saudação ao legado e colocou-se em sentido à retaguarda do rei.

— Centurião. — Vespasiano cumprimentou com um aceno de cabeça, antes de se virar de novo para o seu hóspede.

— Albino é um dos melhores. Espero que vos tenha servido bem.

— Não me posso queixar.

Vespasiano olhou para Albino, mas a expressão do centurião não se alterou perante o fraco elogio que recebera, justificando assim a escolha do general para uma tarefa que requeria um alto grau de tacto diplomático e tolerância.

— Como vão os treinos dos seus homens, majestade?

— Vão bem. — Vérica encolheu os ombros, claramente nada preocupado com os esforços de Roma para garantir uma estrutura estável ao seu governo. — Estou demasiado velho para me interessar por questões militares. Mas atrevo-me a dizer que o centurião Albino está a fazer um bom trabalho. Com a qualidade dos efectivos da minha tribo, não terá grandes problemas em produzir um eficaz corpo de homens para assegurar que a minha vontade é executada. Hã, centurião?

— Não me posso queixar, Majestade.

Vespasiano disparou-lhe um olhar admoestador, mas o centurião manteve o olhar fixo e inexpressivo.

— Sim, bem, penso que nos podíamos retirar para o interior bem mais agradável das minhas tendas. Se me seguirem.



Sentados em volta de um braseiro de bronze, com um novo toro crepitando sobre os tições incandescentes, Vespasiano e os seus dois hóspedes bebiam vinho de taças de prata e absorviam o calor. À sua volta, pedaços de lama manchavam os finos padrões dos tapetes entrançados espalhados pelo chão de placas de madeira, e Vespasiano praguejava para dentro à necessidade de ter de ser tão fiel às ordens do seu comandante sobre a hospitalidade para com os nativos.

— Como está o general Pláucio? — perguntou Vérica, aproximando-se do braseiro.

— Está bom, Majestade. Ele manda cumprimentos e espera que esteja bem de saúde.

— Oh, tenho a certeza de que ele está realmente preocupado com isso! — Vérica soltou um riso abafado. — Eu não lhe seria muito útil se estivesse morto. Os Atrébates não derramaram lágrima alguma quando Carátaco me expulsou, e pouca afeição houve nas boas-vindas quando me

viram regressar com uma guarda pessoal romana. Quem quer que me suceda, terá muito mais sucesso na conquista do coração das nossas gentes se anunciar uma aliança com Carátaco em vez do vosso Imperador Cláudio.

— Os Atrébates arriscar-se-iam às terríveis consequências de permitirem que um tal homem reclamasse o vosso trono?

— O trono pertence-me porque o vosso Imperador assim o quis — veio a calma resposta.

Vespasiano julgou ter detectado um traço de amargura no tom do velho. Se Vérica fosse mais novo, teria provocado alguma preocupação ao legado. Mas a idade parecia ter criado um desejo de paz e serenado a ardente ambição que alimentara as brilhantes realizações do jovem Vérica. O rei britânico sorveu um pouco de vinho antes de continuar.

— Roma terá paz com os Atrébates enquanto o centurião Albino e os seus homens estiverem por cá para garantirem que a palavra do Imperador é respeitada. Mas com Carátaco à solta, e movendo-se à vontade por entre as legiões para punir as tribos cujos líderes passaram para o vosso lado, poderá compreender por que é que alguns do meu povo desafiam a minha lealdade para com Roma.

— Sim, claro, compreendo isso, Majestade. Mas decerto que os poderá fazer ver que as legiões acabarão por esmagar Carátaco. O resultado não poderá ser outro. Disso estou eu certo.

— Ah, sim? — Vérica ergueu as sobrancelhas, e abanou a cabeça em sinal de escárnio. — Nada nesta vida é certo, Legado. Nada. E menos ainda, talvez, a derrota de Carátaco.

— Ele será derrotado muito em breve.

— Então veja lá isso, ou não poderei responder pela lealdade do meu povo. Em particular, devido ao raio daqueles druidas a agitarem as coisas ainda mais.

— Druidas?

Vérica assentiu.

— Tem havido alguns ataques a pequenas aldeias e povoados na costa. A princípio pensámos que fosse um pequeno grupo de durotriges. Quer dizer, até nos terem dado informações mais detalhadas. Ao que parece estes atacantes não se contentaram com o mero roubo e algumas mortes. Nada foi poupado. Nem um só homem, mulher ou criança. Nem os animais. Cada casa, cada cabana, independentemente de quão humilde, foi queimada. E o pior ainda estava para chegar. — Vérica fez uma pausa para dar mais uma golada no seu vinho, e Vespasiano reparou que a mão que segurava a taça tremia. Vérica emborcou a taça, e rapidamente fez sinal a Albino para que lha enchesse. Fez sinal para parar apenas quando o vinho tinto quase tinha chegado à borda.

— É melhor seres tu a contar, Albino. Afinal, estiveste lá. Tu viste.

— Sim, Majestade.

Vespasiano deu a sua atenção ao centurião, um homem cheio de cicatrizes e bem marcado pelo tempo de carreira. Albino era magro, mas os músculos do seu antebraço estavam bem definidos. Tinha o aspecto de quem pouca coisa conseguia chocar, e falava da forma brusca e inexpressiva de um profissional calejado.

— Depois de se ter sabido em Caleva dos primeiros ataques, aqui o rei enviou-me com uma centúria para investigar, senhor.

— Uma centúria apenas? — Vespasiano estava horrorizado. — Isso está longe do tipo de precaução a que o exército se dá, Centurião.

— Pois está, senhor — replicou Albino, com uma leve inclinação de cabeça indicando Vérica, que estava ocupado a dar mais uma grande golada no vinho de Falerno do legado. — Mas julguei prudente que o resto da coorte ficasse e continuasse a tratar dos interesses do rei.

— Sim, com certeza. Continue.

— Sim, senhor. A dois dias de marcha de Caleva, encontrámos o que restava de uma aldeia. Examinei a área com cuidado antes de nos aproximarmos. É como o rei Vérica diz, nada ficou vivo, nem sequer uma única casa ficou de pé. Mas só encontrámos uns quantos cadáveres, todos homens, senhor.

— Devem ter levado os outros como prisioneiros.

— Foi o que eu pensei, senhor. Havia alguma neve no solo, pelo que pudemos seguir-lhes o rasto muito facilmente. — Albino interrompeu-se para olhar directamente para o legado. — Não tinha intenção de fazer nada estúpido, senhor. Quis apenas ver de onde tinham eles vindo, para depois fazer um relatório completo.

— Muito bem.

— Seguimos então o rasto por mais um dia, até que, mesmo antes do anoitecer, avistámos fumo vindo de um pequeno monte. Pensei que fosse outra aldeia a ser saqueada. Rastejámos pela encosta acima, silenciosamente, e depois ordenei aos homens que ficassem onde estavam enquanto eu continuava sozinho. A princípio ouvi mulheres e crianças a gritarem, depois o próprio fogo, não muito longe do cume do monte. Já era noite cerrada quando me consegui aproximar o suficiente para ver o que se passava. — Fez uma pausa, sem saber como continuar sob o minucioso exame do seu superior, e olhou num ápice para Vérica, que tinha parado de beber e olhava o centurião com uma expressão assustada, mesmo já tendo ouvido a história antes.

— Então, desembuche, homem! — ordenou Vespasiano, que não estava com disposição para cenas dramáticas.

— Sim, senhor. Os druidas construíram um enorme boneco, feito de verga e ramos entrelaçados. Era oco, e encheram-no com todas as mulheres e crianças. Já ardia bem quando vi o que se estava a passar. Alguns dos que estavam lá dentro ainda gritavam. Porém, não por muito tempo... — Premiu os lábios, e ficou, por momentos, cabisbaixo. — Os druidas ficaram a olhar ainda por algum tempo, depois montaram e saíram dali, pela noite. Como sombras, envoltos em mantos pretos. Portanto, juntei-me aos meus homens e regressámos imediatamente a Caleva, para participar.

— Esses druidas. De preto, dizes?

— Sim, senhor.

— Mais alguma característica que os distinguisse, ou insígnia?

— Estava a anoitecer, senhor.

— Mas havia fogo.

— Eu sei, senhor. Eu vi-o...

— Tudo bem. — Vespasiano percebia, mas era decepcionante que um centurião veterano se deixasse distrair dos detalhes importantes. Voltou-se para Vérica.

— Li algo sobre os sacrifícios humanos dos druidas, mas isto deve ter outro significado. Talvez um aviso sobre o destino que espera aqueles que estão do lado de Roma?

— Talvez. — Vérica assentiu. — Quase todos os os cultos druídicos se juntaram a Carátaco. E agora, ao que parece, até os do Tugúrio da Lua Negra.

— Lua Negra? — Vespasiano franziu o sobrolho por um instante, até que a memória das instalações para os prisioneiros, no exterior de Camaloduno, se transformou numa imagem clara na sua mente. — Esses druidas têm um crescente negro na fronte, não têm? Uma espécie de tatuagem. Uma lua negra.

— Conhece-los? — As sobrancelhas de Vérica ergueram-se.

— Conheci alguns. — Vespasiano sorriu. — Hóspedes do general Pláucio. Fizemo-los prisioneiros após a derrota de Carátaco junto a Camaloduno. Agora que penso nisso, foram os únicos druidas que capturámos. Os outros estavam todos mortos, a maior parte pelas próprias mãos.

— Não me surpreende. Vocês, romanos, não são conhecidos por serem tolerantes com os druidas.

— Isso depende de quem é o Imperador na altura — respondeu Vespasiano, irritado. — Mas se os druidas preferem a morte ao cativo, porque é que os Lua Negra se deixaram aprisionar?

— Acreditam serem os escolhidos. Não têm permissão para se ma-

tarem. São os servos de Cruach, aquele que traz a noite. A seu tempo, assim reza a lenda, erguer-se-á e quebrará o dia em mil bocados, e reinará para sempre sobre um mundo de trevas e sombra.

— Parece desagradável. — Vespasiano sorriu. — Não posso dizer que me interesse conhecer esse Cruach.

— Os seus servos já são suficientemente tenebrosos, como Albino pôde verificar.

— É verdade. Questiono-me por que será que as tribos desta ilha os toleram.

— Por medo — disse Vérica prontamente. — Se Cruach alguma vez vier, o sofrimento daqueles que o veneram não será nada comparado com os eternos tormentos dos que prejudicaram os seus servos e zombaram dele.

— Estou a ver. E qual é a sua posição quanto à questão, Majestade?

— Acredito naquilo que é importante para o meu povo pensar que eu acredito. Por isso rezo a Cruach, assim como aos outros deuses, as vezes que forem precisas. Mas os seus sacerdotes, esses druidas, são outra história. Enquanto atacarem as minhas aldeias e chacinarem o meu povo, posso mostrá-los como extremistas. Fanáticos perversos que adoram o mais terrível dos nossos deuses. Duvido que muitos dos atrébatas, ou de qualquer outra tribo, derramem quaisquer lágrimas se esta facção particular de druidas for completamente exterminada. — Desviou o olhar de Vespasiano, para o coração do fogo incandescente. — Espero que Roma resolva a questão o mais depressa possível.

— Não há ordens específicas a respeito de druidas — respondeu Vespasiano. — Mas o general deixou claro que quer as terras dos Atrébatas em segurança antes da campanha da Primavera começar. Se isso significa ter de lidar com esses druidas da Lua Negra, então os nossos interesses coincidem.

— Ainda bem. — Vérica pôs-se de pé, e os romanos, educadamente, levantaram-se dos seus assentos. — Estou cansado, vou voltar para Caleva com os meus homens. Deve querer dar uma palavrinha aqui ao centurião.

— Sim, Majestade. Se não for muito incómodo.

— Não. Vemo-nos mais tarde, então, Albino.

— Sim, senhor. — O centurião saudou em resposta à despedida do rei britânico, com tanta formalidade respeitosa quanto possível, enquanto Vespasiano acompanhava o seu hóspede até ao exterior da tenda. Depois Vespasiano voltou, deitando um olhar ressentido ao jarro vazio em cima da mesa, antes de fazer sinal para o centurião se sentar de novo.

— Parece-me que Vérica está a encontrar algumas dificuldades para reafirmar a sua autoridade.

— Suponho que sim, senhor. Não temos tido muitos problemas com os Atrébates. Parecem mais sombrios que revoltosos. Os Catuvelaunos foram senhores muito duros, e a mudança de governo pode não ter melhorado muita coisa, mas também não as piorou.

— Espere até eles conhecerem alguns agrimensores romanos — murmurou Vespasiano.

— Bem, sim, senhor. — O centurião encolheu os ombros; as depredações da burocracia civil que se seguiria às legiões não eram problema seu. — De qualquer maneira, Caleva e as áreas mais próximas estão pacificadas. Mantenho permanentemente duas centúrias em patrulha local. Uma terceira faz uma ronda maior ao longo das aldeias fronteiriças do lado dos Durotriges

— Alguma das patrulhas encontrou druidas?

O centurião negou com a cabeça.

— Desde aquela vez que os vi, nunca mais, senhor. Tudo o que encontramos foi os destroços das aldeias e os cadáveres. Eles estão a cavalo, claro, o que significa que estamos em desvantagem, uma vez que persegui-los está fora de questão.

— Então conceder-lhe-ei metade do meu destacamento montado enquanto estivermos colocados perto de Caleva. Preciso do restante para as minhas próprias patrulhas.

Sessenta dos batedores montados da legião não iriam ter grande impacto nos ataques dos druidas, mas eram melhor que nada, e Albino agradeceu com um movimento de cabeça.

— Como vai o treino dos locais?

Um tremor de desespero revelou-se na expressão do centurião, a máscara do seu sólido profissionalismo momentaneamente afastada.

— Não digo que seja impossível, senhor. Mas também não digo que tenho grandes esperanças.

— Ah, sim?

— Oh, eles são rijos — disse Albino, de má vontade. — Mais que muitos dos homens que servem com as águias. Mas quando se tenta fazê-los treinar de uma maneira formal e disciplinada, é uma merda dum desastre completo. Perdoe o meu gaulês, senhor. Não há coordenação possível; é cada um por si, num ataque doido ao inimigo. A única coisa que aceitam é o treino individual com armas. Mas, mesmo assim, usam as espadas que lhes demos como se fossem cutelos de magarefe. Passo a vida a dizer-lhes que doze centímetros de ponta afiada são melhores que qualquer gume, mas não consigo convencê-los. Simplesmente não podem ser treinados, senhor.

— Não podem? — Vespasiano ergueu as sobrancelhas. — Decerto

que um homem com a sua experiência pode levá-los a praticar. Já lidou com casos difíceis antes.

— Casos difíceis, senhor. Não raças difíceis.

Vespasiano assentiu. Todos os celtas que tinha conhecido partilhavam da mesma arrogante crença na sua inata superioridade cultural, e manifestavam um profundo desprezo por aquilo a que chamavam as efeminadas maneiras das civilizações romana e grega. Estes bretões eram os piores. Estúpidos por demais, concluía Vespasiano.

— Faça o que puder, Centurião. Se eles não aprendem com quem é melhor que eles, também nunca serão uma ameaça para nós.

— Sim, senhor. — O olhar de Albino descaiu desanimadamente.

O som abafado de uma trompeta ouviu-se fora da tenda. Momentos depois escutaram ordens a serem dadas. O centurião olhou para o legado, mas Vespasiano recusava-se a ser visto como um homem que se deixasse perturbar por qualquer acidental distração. Reclinou-se na sua cadeira para dirigir a palavra ao centurião.

— Muito bem, Centurião. Enviarei um relatório ao general a dar conhecimento da sua situação e desses ataques dos druidas. Entretanto, vá continuando com o treino, e mantenha as patrulhas. Podemos não nos livrar dos druidas, mas ao menos saberão que andamos atrás deles. Os bate-dores montados ajudarão com certeza nessa tarefa. Tem mais alguma coisa para acrescentar?

— Não, senhor.

— Pode ir.

O centurião agarrou no elmo, saudou e saiu rapidamente da tenda.

Vespasiano estava ciente que a gritaria aumentara, e o tinir de armas e armaduras indicava que um grande número de homens se deslocava. Era difícil resistir ao impulso de correr lá para fora e ir ver o que se passava, mas amaldiçoar-se-ia se se permitisse comportar-se como um jovem tribuno excitado no seu primeiro dia no exército. Forçou-se a pegar num rolo de pergaminho e a começar a ler os últimos relatórios sobre o estado das suas forças. Ouviram-se passos sobre as placas de madeira mesmo à entrada da tenda.

— O legado está? — alguém gritou às sentinelas que guardavam a entrada da tenda de Vespasiano. — Então deixem-me passar.

As cortinas de couro abriram-se, e Plínio, o tribuno superior, entrou, ofegante. Engolia ansiosamente:

— Senhor! Tem de vir ver isto.

Vespasiano ergueu os olhos das linhas de números no pergaminho.

— Acalme-se, tribuno. Isso são lá modos de um oficial superior se comportar.

— Senhor?

— Não se anda para aí a gritar pelo acampamento, a menos que seja a maior das emergências.

— Sim, senhor.

— Estamos em grande perigo, Tribuno?

— Não, senhor.

— Então mantenha a cabeça fria e dê o exemplo ao resto da legião.

— Sim, senhor. Peço desculpa, senhor.

— Muito bem, então. Que me tem a dizer assim de tão urgente?

— Alguns homens aproximam-se do acampamento, senhor.

— Quantos?

— Dois homens, senhor. E há mais alguns que ficaram ao pé das árvores.

— Dois homens? Então porquê essa algazarra toda?

— Um deles é romano...

Vespasiano esperou pacientemente durante um momento.

— É o outro?

— Não sei, senhor. Nunca tinha visto nada assim.



## VII

À sexta centúria tinha saído em sorte o segundo turno da guarda. Depois de um pequeno-almoço apressado de papa de aveia fumegante renderam a centúria que patrulhava os muros do acampamento fortificado. O centurião que tinha acabado de sair de serviço informou Cato, sucintamente, acerca dos cavaleiros vindos de Caleva. Era meio da manhã, e a luz do sol inundava os baluartes. Cato semicerrou os olhos, já que tinha deixado as sombras frescas das tendas bem alinhadas mesmo antes de começar a subir. Foi obrigado a proteger a vista por um momento.

— Bela manhã, Optio! — saudou um legionário. — Hoje até é capaz de fazer calor.

Cato virou-se para o homem; um grande e rotundo jovem com uma cara risonha e uns quantos dentes tortos que lembravam os restos de um dos círculos de pedras pelos quais a legião passara no Verão anterior. Magro como era, e com a pouca gordura que possuía, graças à sua maneira nervosa de ser, Cato tinha dificuldade em manter-se quente, pelo que ainda tremia dentro da sua capa de lã bem enrolada. Limitou-se a dizer que sim com a cabeça ao legionário, pois não queria que o homem o visse a bater os dentes. O legionário era um dos substitutos recentes, um gaulês que dava pelo nome de Horácio Fígulo. Era um soldado capaz, e a sua natureza bem-disposta tinha-o tornado popular na centúria.

Num súbito sobressalto de consciência, Cato apercebeu-se de que Fígulo era da mesma idade que ele. Da mesma idade, e, no entanto, os poucos meses que tinha a mais de serviço com as águias faziam com que ele avaliasse este recruta com o olhar frio de um veterano. Um espectador ocasional poderia com certeza confundir o optio com um veterano; as marcas das terríveis queimaduras que sofrera no Verão anterior eram bem visíveis. E, contudo, a sua barba era tão esparsa que seria risível pensar sequer em fazê-la. Fígulo, por contraste, partilhava da fisionomia peluda dos seus antepassados celtas; o nítido crescimento de finos pêlos claros

nas suas faces e queixo exigia a atenção quase diária de uma lâmina bem amolada.

— Olhe para isto, Optio! — Fígulo encostou o seu dardo ao baluarte e procurou qualquer coisa dentro da capa, durante um bocado, até encontrar uma noz. — Tenho andado a praticar isto toda a semana.

Cato susteve um resmungo. Desde que a centúria tinha assistido ao espectáculo de um prestidigitador fenício itinerante, há várias semanas atrás, o jovem Fígulo andava a tentar imitar o repertório de truques do ilusionista — com pouco sucesso. O pretense mágico segurava a noz para que ele a inspeccionasse.

— O que é isto?

Cato olhou para ele durante um momento, e depois revirou os olhos para o céu, com um abanar da cabeça.

— É uma mera noz, certo, Optio?

— Se o dizes — replicou Cato, entredentes.

— Ora, como sabemos, as nozes não têm o hábito de desaparecer de repente. Não é?

Cato disse que sim com a cabeça.

— Agora, veja! — Fígulo fechou as mãos e agitou-as uma sobre a outra, à medida que ia entoando um som o mais parecido possível com as palavras mágicas do fenício.

— *Ogwarz farevah!* — Com um último movimento, abriu subitamente as mãos vazias diante do rosto do optio. Pelo canto do olho, Cato vira a noz desenhar um arco no ar, antes de cair para o lado de fora do baluarte.

— Para onde acha que a noz foi? — disse Fígulo, piscando o olho. — Bem, deixe-me mostrar-lhe!

Levou a mão à orelha de Cato e franziu as sobrancelhas. Cato suspirou, exasperado. O legionário inclinou a cabeça para examinar o espaço por trás da orelha de Cato.

— Um momento. Raios a partam, devia estar aqui.

Cato deu-lhe uma palmada na mão.

— Ao trabalho, Fígulo. Já desperdiçaste demasiado tempo.

Com um último confuso olhar à orelha de Cato, o legionário pegou no dardo e virou a atenção para a vastidão branca do território dos Atrébates. Apesar do gelo ter adornado o mundo com a sua reluzente renda, a neve por debaixo começava a derreter, lentamente, e o solo nu revelava-se já nas encostas viradas a sul dos montes circundantes. O rosto do recruta mostrava um misto de embaraço e confusão, e Cato sentiu pena dele.

— Boa tentativa, Fígulo. Só precisas de um pouco mais de prática.

— Sim, Optio. — Fígulo sorriu, e Cato desejou instantaneamente

que o não tivesse feito, puramente por uma questão de estética. — Mais prática, vou tratar disso.

— Sim, está bem. Mas mais tarde. Mantém os olhos atentos ao inimigo, entretanto.

— Sim, senhor!

Cato deixou-o e continuou a sua ronda no sector do forte que lhe tinha sido confiado. Do outro lado, o centurião Macro supervisionava o resto da centúria. Através das linhas de tendas estendidas ao brilho do sol que subia no céu, Cato conseguia ver a figura pequena e poderosa pavoneando-se ao longo do baluarte oposto, de mãos atrás das costas, a cabeça virada em direcção ao distante Tamisa, e a Camaloduno, ainda mais além. Cato sorriu ao imaginar no que pensava o seu centurião. Apesar da sua ocasional criançice, da sua paixão pela bebida e da sua natureza de mulherengo, Macro deixara que a escultural Boudica mexesse com ele. Nunca tinha ocorrido ao centurião que uma mulher pudesse ser uma companheira perfeita, que o igualasse em quase todos os campos do comportamento masculino, e o afecto que sentia por ela era claramente evidente para o optio, e para os outros homens que o conheciam melhor. Enquanto outros centuriões e optios piscavam o olho uns aos outros e gozavam em voz baixa acerca de uma vida vivida sob o domínio de uma mulher como aquela, Cato sentia-se feliz pelo seu centurião.

— Chamem a guarda! — gritou uma voz.

Cato virou-se instantaneamente na direcção do grito e viu Fígulo a apontar para oeste, onde a floresta se estendia até ao cume. Um ângulo do baluarte impedia a visão de Cato. Praguejou, e correu até onde Fígulo estava postado.

— Que se passa?

— Homens, senhor! Ali! — Fígulo apontou o dedo ao longo da crista do monte, em direcção à floresta. Ao olhar para a paisagem, Cato nada viu de invulgar.

— Lembra-te do treino! — gritou. — Indica-me o lugar como deve ser!

O recruta levantou o dardo e, cuidadosamente, apontou-o para a floresta.

— Ali, senhor.

Cato colocou-se por trás de Fígulo e olhou ao longo do comprimento do dardo. Para lá da ponta oscilante, por entre as árvores na orla da floresta, vultos montados sobre cavalos emergiram lentamente das sombras silvestres, e dirigiram-se ao espaço aberto e salpicado de neve à frente dos baluartes da legião. Aí se detiveram; dez homens a cavalo, vestidos de preto, com as cabeças ocultas por grandes capuzes.

Em volta de Cato, as restantes centúrias da coorte de piquete apressavam-se a guarnecer os baluartes, dispersando-se ao longo daquele lado do acampamento fortificado, armadas e prontas para enfrentarem qualquer ataque súbito. Uma trombeta dava sinal à coorte, e Macro corria pelo passadiço para se juntar a eles.

Os cavaleiros separaram-se, e surgiu então um homem a pé que cambaleava para a frente, de braços atados atrás das costas. Uma corda pendia-lhe do pescoço, segura pelo cavaleiro que seguia a seu lado. O homem a cavalo, bem como os seus companheiros, estava vestido de preto e usava um estranho elmo com um elaborado par de chifres, que fazia lembrar uma árvore desfolhada no Inverno. As duas figuras aproximaram-se do forte, o homem a pé tropeçando e tentando manter o equilíbrio para que a corda segura pelo seu captor não o sufocasse.

— Que se passa? — Macro tinha chegado, ofegante. — Quem são eles?

— Não sei, senhor.

— Quem chamou a guarda?

— Foi o Fígulo, senhor.

Macro virou-se e procurou o recruta.

— Fígulo! Vem cá! E depressa, rapaz!

Fígulo apressou o passo ao longo do baluarte e parou diante do centurião, fazendo um ruído seco ao pousar o dardo, e pondo-se em sentido. Macro observou-o cuidadosamente, com uma expressão severa.

— Chamaste a guarda?

— Sim, senhor. — O legionário preparou-se para uma dura repreensão do centurião. — Lamento, senhor.

— Lamentas? Lamentas mas é o caralho, rapaz! Fizeste muito bem. Agora volta para a tua posição.

Demorou algum tempo para que o jovem obtuso se apercebesse de que tinha sido elogiado, e o seu rosto abriu-se num sorriso desdentado.

— É para hoje, Fígulo! Para hoje!

— Ah, sim, senhor! — Virou-se e afastou-se rapidamente, deixando o centurião a abanar a cabeça, os lábios cerrados de espanto perante a qualidade de alguns dos homens que se vira obrigado a aceitar para repôr os efectivos da sua centúria. Para lá de Fígulo avistou a crista vermelha de um tribuno surgindo acima do monte de elmos que reluziam dourados à luz do sol. Plínio abriu caminho por entre a multidão no baluarte e inclinou-se sobre a paliçada, olhando as duas figuras, agora a pouco mais de meia milha do fosso exterior. O homem a pé vestia os restos esfarrapados de uma túnica vermelha orlada a dourado. Plínio virou-se e avistou Macro.

— Aquele homem ali à frente é romano! Passe a palavra aos bate-

dores, para que montem e se preparem para uma perseguição. Vou chamar o legado.

— Sim, senhor! — Macro virou-se para Cato. — Ouviste-o. Vai procurar o centurião dos batedores e transmite-lhe as ordens. Eu encarrego-me dos homens aqui. Não posso deixar que se comportem como um monte de imbecis numa corrida de quadrigas.

Macro começou a bramar imprecações e ordens aos homens amontoados ao longo do baluarte, enquanto Cato se pôs a caminho dos estábulos, junto à tenda do legado. Quando voltou, os homens estavam bem distribuídos pela paliçada, observando as figuras distantes a caminhar pela neve, em direcção ao forte. O legado e o tribuno mais graduado, arquejante, tinham chegado pouco antes, e olhavam fixamente e em silêncio para o espectáculo.

— Que raio é que aquele homem tem na cabeça? — admirou-se Vespasiano.

— Chifres, senhor.

— Que são chifres vejo eu, caraças. Mas por que é que os tem sobre a cabeça? Deve ser incomodativo.

— Sim, senhor. Devem ser alguma espécie de símbolos religiosos. — Plínio encolheu-se com o olhar ameaçador que o seu superior lhe lançou. — Provavelmente...

Mesmo no limite do alcance das fundas, o cavaleiro puxou a corda com força, e os que estavam no muro puderam ouvir claramente o grito agudo de dor do prisioneiro. O cavaleiro desmontou e atirou a corda para o lado. O romano caiu de joelhos. Estava visivelmente exausto, e a cabeça pendeu-lhe para a frente. Mas o seu descanso foi curto. O cavaleiro deu-lhe uma pancada na cabeça e apontou em direcção ao forte. Os homens no baluarte ouviam gritos, mas não conseguiam perceber-lhes o sentido. O romano ergueu a cabeça, firmou-se e gritou para os que se encontravam no muro.

— Oiçam!... Tenho uma mensagem para o comandante dessa legião... Ele está aí?

Vespasiano pôs as mãos em concha ladeando a boca e respondeu:

— Fala! Quem és?

— Valério Maxêncio... prefeito da esquadra de Gesoriaco.

Os homens no baluarte sobressaltaram-se por um oficial de tão alta patente estar nas mãos dos druidas, e comentários ansiosos percorreram a paliçada.

— Silêncio! — rugiu Vespasiano. — O próximo a falar será açoitado! Centurião, certifica-te de que apontas os seus nomes!

— Sim, senhor.

Para lá do muro, Maxêncio chamou de novo, com a voz forçada e fraca, amortecida pela neve que cobria o solo.

— Ordenaram-me que falasse em nome dos druidas da Lua Negra... O meu navio naufragou perto da costa, e os sobreviventes, uma mulher, os seus filhos e eu, fomos capturados por um grupo de durotriges... Entregaram-nos aos druidas. Em troca destes prisioneiros, os druidas querem os seus camaradas de volta. Cinco druidas do primeiro anel foram aprisionados pelo general, no Verão passado... Este homem, supremo sacerdote da Lua Negra, é o seu líder. Dá-vos até à Festa do Primeiro Rebento, de hoje a trinta dias, para que atendam ao seu pedido... Se os druidas não forem libertados até à altura da festa, os prisioneiros serão queimados vivos, como sacrifício a Cruach.

Vespasiano recordou as palavras do centurião Albino e estremeceu. A ideia da sua própria esposa e filho a gritarem entre chamas crepitantes assolou-lhe a mente, e os seus dedos agarraram-se firmemente à paliçada, enquanto se debatia com a terrível imagem.

O cavaleiro inclinou-se até perto da cabeça de Maxêncio, e, aparentemente, disse-lhe algo. Depois recuou e abriu o seu manto preto. Maxêncio chamou uma vez mais.

— O druida deseja que fiquem com um... símbolo da sua determinação quanto ao assunto! — Atrás dele, algo brilhou à luz do sol. O druida tinha puxado de uma enorme foice de lâmina larga de dentro do seu manto. Agarrou-a com ambas as mãos, afastou os pés para se firmar, e levou a foice atrás.

No último momento Maxêncio pressentiu o destino terrível que o druida lhe reservara, e começou a voltar-se. A foice rasgou o ar, até encontrar e atravessar o pescoço do prefeito. Foi um gesto tão rápido que alguns dos que observavam do baluarte pensaram que o druida tinha falhado. Depois, a cabeça do prefeito rolou para o lado, caindo sobre a neve. Um jorro de sangue arterial brotou do pescoço decepado e esparrinhou-se no solo branco. O druida limpou a lâmina ensanguentada na neve. Em seguida, embainhando-a sob o manto, pontapeou o torso do prefeito, montou, com indiferença, o cavalo, e esporeou-o de volta até aos seus camaradas, que esperavam na orla da floresta.